



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Dissertação

**Da leitura/interpretação ao processo de tradução/reescrita interlingue
em “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence” de Maïssa Bey**

Irene Amaral Ferreira da Silva

Orientador:
Prof. Doutor Fernando Gomes

Évora, 2011

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Dissertação

**Da leitura/interpretação ao processo de tradução/reescrita interlingue
em “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence” de Maïssa Bey**

Irene Amaral Ferreira da Silva

Orientador:

Prof. Doutor Fernando Gomes

Aos meus filhos

João e António

Índice

Índice.....	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Résumé	v
Introdução	1
Capítulo I – Problemática da tradução	
1. Algumas perspectivas teóricas subjacentes ao acto tradutório	4
2. A importância do contexto na tradução	9
3. Alguns pressupostos presentes no processo de tradução literária	11
Capítulo II – Para uma leitura de “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence”	
1. Alguns elementos do contexto histórico e sociocultural.....	18
2. Breve biobibliografia de Maïssa Bey: escritora argelina de língua francesa	24
2.1. Um olhar sobre a obra <i>Sous le jasmin la nuit</i>	27
2.2. Breve resumo da obra <i>Sous le jasmin la nuit</i> e dos contos “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence ”	31
Capítulo III – Tradução/ reescrita dos contos	
1. Reescrita do conto “Sous le jasmin la nuit”	34
2. Reescrita do conto “Nuit et silence”	62
Conclusão	107
Bibliografia	113

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Fernando Gomes, agradeço o apoio, a disponibilidade demonstrada, as sugestões e críticas construtivas que permitiram a concretização desta dissertação.

Agradeço ainda à minha família pelo incentivo, pela compreensão e pelo carinho demonstrados.

Resumo

Da leitura/interpretação ao processo de tradução/reescrita interlingue em “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence” de Maïssa Bey pretende ser uma proposta de reescrita de francês para português dos contos “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence” extraídos da colectânea de contos *Sous le jasmin la nuit* da escritora argelina Maïssa Bey.

Este percurso assenta na abordagem descritiva que contempla os aspectos culturais no processo tradutório. A tradução é encarada não como um mero decalque do original mas um exercício de reescrita uma vez que um mesmo texto pode dar origem a traduções diversas, em função das múltiplas variantes que interferem no processo. Desta forma, o texto traduzido é sempre manipulado.

Partindo do pressuposto que a língua é parte integrante da cultura, a compreensão e interpretação de um texto de partida, estigmatizado culturalmente, exige que se proceda a uma contextualização histórica e sócio-cultural anterior ao processo de tradução/reescrita dos contos. Neste percurso tradutivo de um texto literário damos especial enfoque à restituição do sentido, privilegiando também uma análise linguística, semântica, lexical, sintáctica, pragmática e estilística de forma a conceber um texto coerente na língua de chegada.

The Reading/Interpretation to the interlingua process of translation/rewriting in “Sous le jasmin de la nuit” and “Nuit et Silence” of Maïssa Bey

Abstract

The Reading/Interpretation to the interlingua process of translation/rewriting in “Sous le jasmin de la nuit” and “Nuit et Silence” of Maïssa Bey intends to be a proposal of the rewriting of the French to Portuguese tales “Sous le jasmin de la nuit” and “Nuit et silence”, taken from the literary work “Sous le jasmin de la nuit” written by the Algerian writer Maïssa Bey.

This process relies on a descriptive approach that includes cultural aspects in the translation process, designing the translation not as a mere decal of the original but as a rewriting exercise since the same text can give origin to diverse translations depending on the multiple variants that interfere with the whole process. Thus the translated text is always manipulated.

Assuming that the language is part of the culture, the task of understanding and interpreting an original text, culturally stigmatized, requires the translator to make a historical context and socio-cultural approach previous to the translation-rewriting of the stories. In this translation process of a literary text we focus on giving the right meaning, favoring a linguistic, lexical, pragmatic, semantic analysis as well as an analysis of the syntax in order to write a coherent text in the target language.

Résumé

De la lecture/interprétation au processus de traduction/réécriture interlangue dans « Sous le jasmin la nuit » et « Nuit et silence » de Maïssa Bey prétend être une proposition de réécriture du français vers le portugais des nouvelles « Sous le jasmin la nuit » et « Nuit et silence » extraits du recueil de nouvelles *Sous le jasmin la nuit* de l'écrivain algérienne Maïssa Bey.

Ce parcours se base sur la perspective descriptive qui contemple les aspects culturels dans le processus de traduction. La traduction est vue non pas comme une simple copie de l'original mais un exercice de réécriture, une fois qu'un même texte peut donner lieu à des traductions diverses, en fonction des multiples variantes qui interfèrent dans le processus. De cette façon, le texte traduit est toujours manipulé.

Partant du présumé que la langue est partie intégrante de la culture, la compréhension et l'interprétation d'un texte de départ, culturellement stigmatisé, exige une contextualisation historique et socioculturelle préalable au processus de traduction/réécriture des nouvelles. Dans ce parcours de traduction nous mettons en évidence la restitution de sens, privilégiant aussi une analyse linguistique, sémantique, lexicale, syntaxique, pragmatique et stylistique de manière à concevoir un texte cohérent dans la langue d'arrivée.

Introdução

Diferentes perspectivas no modo de abordagem da tradução literária têm sido defendidas por filósofos e linguistas sem que, todavia, se alcançasse uma teoria única aplicável a qualquer tradução. Tal facto advém da diferença entre as línguas de partida e de chegada, por estas representarem realidades sociais diferentes de acordo com as sociedades onde estão integradas.

No que concerne à tradução do texto literário, por este conter uma linguagem conotativa, do domínio da subjectividade, com uma intenção comunicativa predominantemente expressiva e artística, geradora de uma multiplicidade de interpretações que o instituem como obra de arte, a tarefa tradutória é ainda mais exigente. Assim, cabe ao tradutor, através do seu papel decisório nas escolhas que efectuar – seja através da sua interpretação pessoal do texto de partida ou em função da diferença estilística entre os idiomas, dos aspectos linguísticos, semânticos, pragmáticos e culturais existentes na tradução interlínguas – reescrever um texto compreensível na língua de chegada. Por tradução interlínguas entenda-se a interpretação de signos verbais por meio de outra língua, sendo que é esta que nos interessa no âmbito deste trabalho.

Situando-se a nossa linha de investigação na área da língua francesa, as nossas leituras permitiram descobrir a obra da escritora argelina Maïssa Bey que expõe uma perspectiva feminina peculiar sobre uma cultura exótica, em particular sobre o estatuto da mulher muçulmana, numa sociedade marcadamente masculina. Por não se encontrar, segundo apurámos, ainda traduzida para a língua portuguesa, os seus textos afiguraram-

se uma escolha que se coadunava bem ao desígnio de uma investigação na área da tradução. Assim, é objecto do presente trabalho a tradução/reescrita para língua portuguesa dos contos “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence” do volume *Sous le jasmin la nuit*, publicado em 2004. A selecção dos contos prendeu-se com factores vários, salientando-se a diversidade a nível dos conteúdos tratados, do léxico, dos registos de língua, da pontuação ou a inversão de algumas normas convencionais que fornecerão diferenciadas possibilidades tradutórias, em função dos problemas suscitados. Este trabalho assenta na prática da tradução, alicerçada nas teorias descritivas que contemplam a confluência de variantes múltiplas no processo tradutório, como sendo o contexto histórico e sócio-cultural dado que um texto está implantado numa determinada cultura e ainda em perspectivas actuais de alguns estudiosos da tradução.

Em “Algumas perspectivas teóricas subjacentes ao acto tradutório” apresentaremos a problemática da tradução, focando algumas perspectivas teóricas da tradução, em especial os contributos dados pelos autores da chamada “Escola da Manipulação” que conduziram à autonomia dos Estudos de Tradução e que inauguraram uma nova forma de conceber a mesma. Também dedicaremos particular atenção, enquanto leitores do texto de partida, às três ordens principais da tradução - a apropriativa, a interactiva e a filológica – apresentadas por Manuel Frias Martins.

No segundo capítulo, “Para uma leitura de “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence”, exporemos alguns dados referentes à contextualização histórica e sociocultural, bem como à biobibliografia da autora que permitirão, de acordo com os preceitos das teorias descritivas, compreender a atmosfera em que o texto foi concebido, de modo a não incorrer, aquando da leitura do texto, em interpretações dúbias que desvirtuem o sentido do texto de partida.

Num terceiro capítulo, apresentaremos o texto original, a proposta de tradução e, em formato de grelha, a apresentação de alguns problemas surgidos, bem como a solução adoptada. Neste processo abordaremos os estratos lexical, morfossintáctico, semântico, cultural e pragmático (associado ao uso e situação de comunicação) de que nos fala Barrento em *O poço de Babel – para uma poética da tradução literária* e que contribuirão para solucionar algumas questões tradutórias.

Em conclusão faremos um balanço sobre as estratégias de tradução adoptadas em função de problemas mais específicos ou mais gerais.

Da leitura/interpretação ao processo de tradução/reescrita interlíngua em “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence” de Maïssa Bey é um projecto de investigação assente numa proposta de tradução que não visa fornecer respostas definitivas sobre o acto tradutório, mas contribuir para a problematização da reescrita na área da tradução literária.

Capítulo I – Problemática da tradução

1. Algumas perspectivas teóricas subjacentes ao acto tradutório

“ Nenhum texto é original, porque a própria língua, na sua essência, já é uma tradução: primeiramente do mundo não verbal e, em segundo lugar, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase. (...) todos os textos são originais, porque todas as traduções são diferentes. Até certo ponto, todas as traduções são uma invenção e, enquanto tal, únicas.”

(Paz *Apud* Bassnett, 2003: 73)

A partir da década de oitenta do século vinte os contributos teóricos de Itamar Even-Zohar e Gideon Toury - pertencentes à chamada “escola” de Telavive – e André Lefevere, Theo Hermans, Susan Bassnett, entre outros, à “escola da manipulação” mudaram as perspectivas assentes numa abordagem prescritiva, baseada em normas rígidas de equivalência e fidelidade absoluta ao texto original que vigoravam em torno do acto de traduzir. A tradução era vista como uma operação de descodificação no decurso da qual o tradutor substituíria unidades do texto de partida por unidades equivalentes na língua de chegada, acto que pressupõe um grau de simetria entre as línguas que só pontualmente acontece. Com base em regras e prescrições, qualquer tradução realizada a partir de um mesmo texto devia originar o mesmo resultado. A nova corrente dos Estudos de Tradução, sob influência de novas perspectivas advindas da teoria e crítica literárias, dos estudos culturais, da filosofia, pretende retomar o estudo da tradução literária sob uma perspectiva não normativa, privilegiando uma abordagem

descritiva onde interagem tradução e cultura. A tradução é concebida como um processo manipulativo à semelhança da crítica, da edição ou de qualquer forma de reescrita, de acordo com Theo Hermans, uma vez que “implica um grau de manipulação do texto de partida para um determinado fim”¹(Hermans, 1985: 9). Assim, para que o texto seja compreendido no contexto de chegada, o mesmo é manuseado e alterado segundo a ideologia no momento em que se processa a tradução. André Lefevere também encara a tradução como um processo de manipulação, uma vez que os textos são reescritos atravessando fronteiras linguísticas e essa reescrita ocorre num contexto histórico-cultural claramente definido. A tradução é influenciada pelo poder exercido por instituições, partidos políticos, classes sociais, editoras e editores, mídia, etc. que determinam o que é permitido ou não fazer em termos de literatura, agindo de fora para dentro do polissistema literário (Lefevere, 1992: 15).

Também Susan Bassnett no prefácio à obra de André Lefevere *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, entende a tradução como um texto outro, sujeito a factores externos que o condicionam. A tradução seria a reescrita de um texto original: “Todas as reescritas, qualquer que seja a sua intenção, reflectem uma certa ideologia e poética manipulando assim a literatura para funcionar na sociedade de determinada maneira” (Lefevere, 1992: 3).

Esta concepção de tradução literária assenta em dois conceitos-chave: a manipulação e a reescrita e baseia-se no carácter polissistémico da literatura, proposto por Even-Zohar, segundo o qual um texto literário não pode ser estudado de forma isolada pois faz parte de um sistema literário dinâmico e complexo, o qual está por sua vez ligado a outro sistema mais vasto que sofre influências de natureza histórica, política, religiosa, entre outras. Nesta perspectiva, são as normas da cultura receptora

¹Tratando-se de uma dissertação na área da tradução, optámos por apresentar traduções nossas de todas as citações provenientes dos textos consultados.

que determinam os elementos linguísticos e textuais da tradução. Assistimos assim, com esta nova fase pós-estruturalista, a uma viragem de teor culturalista em que a tradução é vista como uma actividade sociocultural condicionada por constrangimentos de diversos tipos e graus que vão para além do texto de partida. A tradução começaria, segundo Rodrigues, com o texto em situação como parte integrante de um sistema de referentes culturais e representaria a expressão verbalizada de um autor, tal como é percebida pelo tradutor enquanto leitor, que a recria para uma outra leitura dentro de uma outra cultura. Estaríamos perante um processo dinâmico que permite ao tradutor constantemente renovar, rever e reformular o seu trabalho, enquanto processo e enquanto produto. (Rodrigues, 2001: 2-3)

A tradução literária implica por parte do tradutor uma leitura e interpretação prévias do texto original no quadro da sua relação pessoal com a língua de chegada. Ao apropriar-se do texto original o tradutor, de acordo com Frias Martins, nunca apreende o sentido exacto do mesmo:

“[Essa] compatibilidade não é possível, exactamente porque aquilo que qualquer tradução nos oferece é, tão só, o tipo de *interactividade* que o tradutor desenvolveu com o texto original a partir da sua qualidade de leitor individual, único, cuja *fuição egoísta* do texto original se revela através dos limites (ou limitações, se quisermos...) que lhe são impostos pela sua própria experiência da língua de [chegada]” (Apud Lima, 2010: 63).

Também Saramago entende a tradução como uma das leituras possíveis de um texto influenciada por factores diversos:

O trabalho de quem traduz consistirá, portanto, em passar a outro idioma (em princípio o seu próprio) aquilo que, na obra e no idioma originais, já tinha sido “tradução”, isto é, uma determinada percepção social de uma determinada realidade social, histórica,

ideológica e cultural que obviamente não era a do tradutor, substanciada, essa percepção, num entramado linguístico e semântico que igualmente não é o seu. O texto original representa unicamente uma das “traduções” possíveis da experiência de realidade do autor, estando o tradutor obrigado a converter esse “texto-tradução” em “tradução-texto”, necessariamente ambivalente, porquanto, depois de ter começado por captar a experiência da realidade objecto da sua atenção, o tradutor realiza o trabalho maior de transportá-la intacta para o entramado linguístico e semântico da realidade (outra) para que está encarregado de traduzir, respeitando, ao mesmo tempo, o lugar donde veio e o lugar para onde vai. (Saramago, 1998: 52-53)

Esta questão remete para a fidelidade ao original que, sob as actuais perspectivas do acto tradutório não é um aspecto considerado relevante, uma vez que cada leitura está condicionada por factores de vária ordem: a faixa etária, o momento histórico em que se inscreve, a experiência do mundo, a subjectividade, o conhecimento do idioma e dos códigos culturais, entre outros. Assim, haverá tantas traduções quantas as leituras de uma mesma obra ocasionadas pelas divergências das interpretações, mesmo que à partida os pressupostos adoptados e as técnicas de transposição utilizadas tenham sido as mesmas. Umberto Eco enfatiza a problemática da interpretação prévia de um texto de partida quando afirma que “ao traduzir, *nunca se diz a mesma coisa*. A interpretação que antecede todas as traduções tem de estabelecer quantas e quais das possíveis consequências ilativas que o termo sugere poderão ser limadas. Sem nunca se ter completamente a certeza de não ter perdido um reflexo ultravioleta, ou uma ilusão infravermelha” (Eco, 2005: 95). No que concerne ao texto literário a dificuldade de interpretação é ainda maior, como sublinha Almeida Flor:

Mas quando se trata de textos literariamente elaborados, o tradutor encontra-se perante estruturas abertas que comportam um elevado índice de plurissignificação, sistemas que, por natureza, são susceptíveis de gerar uma multiplicidade de interpretações, entre si congruentes, sem que seja possível determinar aprioristicamente o limite da aceitabilidade e pertinência absoluta de qualquer delas (Flor, 1988: 1).

Enquanto indivíduo inserido num contexto social, histórico, ideológico e político o tradutor converte o texto de partida num outro texto, fazendo as suas escolhas por forma a que o texto reescrito obedeça a regras próprias da língua e da cultura de chegada. Há assim, no processo de tradução, um somatório de factores que conduzem a uma recriação da obra, não sendo esta um espelho da original. Essa recriação envolve conhecimentos diversificados e complexos que originam uma ressignificação da obra de acordo com os modelos sociais e linguísticos pré-estabelecidos.

Com o fenómeno da mundialização, a comunicação intercultural tornou-se mais frequente e a teoria e a prática da tradução deixaram de estar confinadas ao espaço europeu. Assim, surgem duas formas de encarar a tradução: um meio através do qual se assegura a sobrevivência dos textos, dando-lhe vida numa outra cultura sendo um meio de enriquecimento cultural e linguístico e uma actividade suspeita, manipulada ao serviço do poder e que tem eco na produção do texto. Fruto dessa desigualdade das relações de poder, surge a concepção pós-colonial de tradução defendida, no Brasil, por Oswaldo de Andrade no “Manifesto Antropófago” de 1928 onde a tradução é concebida como um acto de canibalismo cultural em que o tradutor devora o original e o refaz. A tradução surge, para este autor e ainda para Haroldo e Augusto de Campos, como uma revitalização em que o original perde o seu estatuto de superioridade, passando ambos os textos a ser vistos como produtos iguais da criatividade do autor e do tradutor. Também Octavio Paz segue esta linha teórica mas ressaltando contudo as diferenças entre o texto de chegada e o texto de partida. Ao escritor compete dar às palavras uma forma ideal e imutável enquanto que ao tradutor cabe a tarefa de as libertar da língua de partida dando-lhes nova vida na língua para que são traduzidos. (Bassnett, 2003: 8)

A tradução, à luz destas perspectivas teóricas, é concebida como um meio de lançar pontes, de trazer a um espaço, a uma língua o que pertencia a outro espaço e a outra língua. A tradução permitiu a sobrevivência e a divulgação de muitas obras, deu a conhecer novas culturas reforçando a sua importância “enquanto acto de comunicação simultaneamente intercultural e intemporal”, o que constitui um elemento inovador (Bassnett, 2003: 16). No entanto, quando ao serviço do poder político também pode distorcer a realidade e ser um instrumento de desvirtuação e imposição cultural (Rodrigues, 2001: 4).

2. A importância do contexto na tradução

As dificuldades inerentes à tradução de línguas pertencentes a diferentes culturas levaram a estudar até que ponto os diferentes contextos culturais podem conduzir a erros graves na interpretação de um texto, uma vez que as línguas não partilham estruturas absolutamente idênticas e são indissociáveis do contexto cultural onde são utilizadas. De acordo com as diferentes culturas cada objecto, cada animal, cada realidade está carregado de conotações especiais porque desempenha um papel especial nos hábitos dessa sociedade. Daí existirem palavras com conotação positiva numa sociedade e negativa noutra, uma vez que as diferentes culturas têm perspectivas diferentes das realidades que compõem a existência. Tome-se como exemplo a palavra porco que tem conotação negativa na cultura judaica ou islâmica, que na cultura cristã adquire aspectos positivos (requite) ou negativos (sujidade) e que noutras culturas como na Nova Guiné tem conotação positiva porque o porco está fortemente ligado à economia e cultura (Durán, 2009: 60). Nida considera que tal como as culturas,

definidas como um conjunto de crenças e comportamentos, os contextos são também cruciais para o significado cultural. Por exemplo, em quase todo o continente africano oferecer algo só com uma mão é considerado um insulto, por ser uso comum fazê-lo com as duas mãos (Nida, 2009: 17).

A influência do contexto na língua está bem exemplificada nos diferentes significados que uma palavra adquire. Uma cultura, para Juan de Dios Luque Durán não se baseia “unicamente numa série de valores cunhados, contidos nas palavras de determinado idioma, mas também numa série de referentes simbólicos de valores sociais etc, que são perfeitamente conhecidos por todos” (Durán, 2009: 60). Na sua perspectiva, a linguagem joga com variações e extensões de palavras simples, com fraseologismos que têm uma forte carga cultural para os falantes dessa língua. No que respeita a fraseologismos, Guilhermina Jorge, no seu artigo “Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas” lembra alguns slogans de Maio de 68: “Soyez réalistes, demandez l’impossible”; “Plus je fais l’amour, plus je fais la révolution” ou ainda “Vivre sans temps morts, jouir sans entraves” que funcionam como um todo, uma ideia e reflectem os valores culturais e os ideais de uma geração. Se os leitores não reconhecerem na tradução os slogans de Maio de 68, esta perderá o impacto. Convirá assim ao tradutor compensar esta perda de informação através de notas explicativas (Jorge, 1997: 35-36). Assim, o tradutor deverá ter em particular atenção os aspectos linguísticos associados a fenómenos culturais pois com uma tradução literal correr-se-á o risco de causar estranheza no leitor de chegada.

A tradução literária pressupõe que o tradutor conheça a sua língua, a do autor que traduz, a civilização, a cultura e as diferentes subtilezas e nuances estéticas e estilísticas e tenha uma sensibilidade literária apurada. De facto, a tradução de uma obra literária é tarefa complexa uma vez que tem subjacente um sentido simbólico, escondido

por detrás das estruturas linguísticas aparentemente fáceis de traduzir. É esse sentido que o tradutor enquanto leitor deverá apreender. No processo de tradução, e sob o ponto de vista semântico, o tradutor é confrontado com dificuldades relativas ao carácter polissémico da linguagem literária pelo que terá que ir mais além no texto, compreender os contextos para extrair mais significado e evitar interpretações dúbias.

Sabemos que as equivalências semânticas entre palavras de línguas diferentes são na maioria dos casos parciais. De acordo com Durán a palavra “libertad” em espanhol traduz-se em inglês por “liberty” e “freedom” sendo estas sinónimos parciais uma vez que “freedom” se utiliza quando se fala de liberdade pessoal, de carácter físico ou psicológico, enquanto que “liberty” tem um carácter mais social ou institucional. Daí a necessidade de dominar os contextos em que se utilizam um ou outro termo (Durán, 2009: 59).

Também Edward Sapir considera ser a língua o meio de expressão de determinada sociedade reflectindo os hábitos linguísticos da comunidade: “Nenhum par de línguas é suficientemente similar para que se possa considerar que representam a mesma realidade social. Os mundos em que vivem diferentes sociedades são mundos distintos, não apenas o mesmo mundo com rótulos diferentes (*Apud* Bassnett, 2003: 36).

3. Alguns pressupostos presentes no processo de tradução literária

Como exposto, as teorias descritivas assentam essencialmente no estudo comparativo das obras literárias traduzidas e não em tradução, e apesar de considerarmos importante estudar a função que a tradução exerce no texto de chegada,

não será esse o objecto deste trabalho. Interessa no âmbito desta dissertação o processo que medeia o texto de partida e o texto de chegada.

Partindo do princípio que o carácter único de cada obra não é compatível segundo Barrento com “uma teoria geral da tradução literária, mas com uma prática concreta de recriação de discursos, que leva em consideração tipos de textos ou géneros e estratégias próprias” (Barrento, 2002: 47), acreditamos que, no caso concreto deste trabalho de tradução, a opção por soluções variadas permita a construção de um texto coerente, em conformidade com as normas estilísticas e idiomáticas da cultura de chegada, com o texto original sempre presente por ser no dizer de Barrento “a única referência possível e mais estável” (Barrento, 2002: 47). Ainda de acordo com este ensaísta: “a tradução de um texto literário não deve ser uma acção comunicativa manipulável em função de objectivos determinados” (Barrento, 2002: 47) o que não significa que o tradutor não sofra influências de vária ordem pois ele interpreta e traduz num tempo e num lugar determinado. No trabalho tradutório é essencial recorrer a alguns pressupostos e condições sem a observância dos quais, na perspectiva de João Barrento, não haverá tradução literária. Assim, a leitura da obra será a primeira fase do processo e tratando-se de um texto em prosa é essencial sentir o ritmo do texto, dar particular atenção “aos aspectos linguísticos (sintaxe, pontuação, léxico) mas eventualmente biográficos, culturais de vária ordem (da época e do próprio texto), literários, filosóficos” (Barrento, 2002: 51). Em suma, o tradutor deverá ser capaz de apreender as intenções comunicativas, de desmontar o que o texto tem para além de si próprio: a carga de subentendidos, de alusões, de sugestões, de informações indirectamente transmitidas. Só após este processo se passará à reescrita que exige um uso correcto, isto é, “de forma adequada e livre” e uma “competência translatória – a capacidade de orquestrar um texto-outro na língua de chegada” (Barrento, 2002: 23),

por forma a alcançar a coerência e coesão textuais. Daí a necessidade de atribuir especial atenção a cada elemento individualmente, mas integrando-o no seu todo que é o texto.

Nesta concepção de tradução como leitura e escrita, é fundamental uma interpretação activa centrada em todos os elementos de significação do texto: o fonológico (mais aplicável à poesia), o lexical e o morfossintáctico, o semântico, o cultural e o pragmático.

Relativamente ao nível lexical, o tradutor deverá fazer uma escolha adequada, muito ponderada, sempre em consonância com o género literário, o registo do texto e o contexto, sabendo à priori que não existem correspondências vocabulares perfeitas. A este propósito, Bassnett considera que: “qualquer noção de igualdade entre a língua de partida e a língua de chegada deve ser descartada. O tradutor deve, portanto, em primeiro lugar, determinar a *função* do sistema da língua de partida e procurar um sistema na língua de chegada que cumpra essa mesma *função*” (Bassnett, 2003: 188-189). O maior desafio no domínio vocabular advém dos elementos lexicais intraduzíveis ou semi-traduzíveis como as expressões idiomáticas ou provérbios por encerrarem em si referências culturais, experiências quotidianas do mundo real e da sabedoria de um povo. Guilhermina Jorge considera que a tradução das expressões idiomáticas exige do tradutor um conhecimento profundo das regras pragmáticas (tem a ver com o uso e a situação de comunicação) que estão na origem da sua construção, “uma vez que são “pedaços” de discurso que se integram no discurso geral o que implica que o tradutor traduza “discursos” adaptando-os a uma nova situação de comunicação” (Jorge, 2001: 34). Na tradução destas estruturas, a simples correspondência linguística nem sempre é possível um vez que elas detêm “uma forte carga cultural” (Jorge, 2001: 34). Assim, o tradutor deve procurar a equivalência na função que esses provérbios ou expressões

idiomáticas têm na língua de partida e substitui-la por uma expressão na língua de chegada que preencha as mesmas funções. Não existe uma solução única para a tradução destas expressões que levantam dificuldades a nível da sua identificação e interpretação. De qualquer modo as opções do tradutor estão condicionadas pelo contexto comunicativo e, de acordo com cada caso, optará pela tradução palavra a palavra quando possível, por equivalentes semânticos ou por parafrasear o sentido da expressão tentando sempre que produza efeitos similares no texto de chegada. A tradução interlínguas ultrapassa a simples linearidade das palavras para realçar a sua história cultural (Jorge, 1997: 33-43).

No que respeita à sintaxe, Barrento sugere uma análise apurada dos elementos da frase no sentido de detectar por exemplo a inversão da ordem clássica dos elementos da frase que traz subjacente, inúmeras vezes, uma intencionalidade e que convém não desvirtuar. Tratando-se de um texto em prosa, Barrento chama a atenção para a primeira frase do texto que é muitas vezes decisiva para encontrar o tom, o ritmo da narrativa, embora não seja por si só suficiente. Deverá considerar-se o modo como cada frase ou parágrafo se articula com a totalidade do texto, caso contrário o tradutor arrisca-se a produzir um texto na língua de chegada em que o conteúdo parafraseável é traduzido em detrimento do restante texto (Barrento, 2002: 50-51).

No que concerne ao estrato semântico, primordial no texto literário por ser o que confere o sentido ao texto, participam outros estratos lexicais que geram fenómenos de conotação, alusão, polissemia, ambiguidade que a tradução deve não resolver (no sentido de tornar o texto unidimensional ou óbvio) mas deve manter de forma homóloga (Barrento, 2003: 37). A tradução das metáforas traz uma dificuldade acrescida, como refere Bassnett, que vem do facto desta constituir uma novidade na língua de partida e que não encontra equivalente imediato na língua de chegada. Neste caso, a competência

linguística do tradutor poderá ser um indicador do que existe ou não na sua língua. O tradutor deverá decidir se pode traduzir a metáfora tal qual ou se só parcialmente (Bassnett, 2003: 24).

Quanto à dimensão cultural dos textos, devemos considerar a língua como um discurso histórico que surge num espaço e tempo e que as correspondências nem sempre são fáceis de fazer. Sendo as tradições diferentes, também as soluções na tradução o serão. Assim, o tradutor pode proceder de duas formas: ou opta pela manutenção da referência cultural de origem, criando um efeito de estranheza que pode ser atenuado com uma nota de rodapé ou pela assimilação à cultura de chegada através de correspondências intertextuais ou de equivalências dinâmicas que preencham os mesmos requisitos estéticos. A tradução não é concebida em termos precisos e unívocos mas em termos aproximativos, equivalentes e desiguais na maioria dos casos de que são exemplo os provérbios e as expressões idiomáticas.

Em relação aos aspectos pragmáticos, associados ao uso e situação de comunicação, poderá dizer-se que estão sempre presentes porque a tradução é condicionada por factores extralinguísticos e ocorre num tempo e local determinados. Desta forma, o tradutor deve ter em conta a situação de comunicação, o destinatário, os registos de língua, o contexto e escolher a forma linguística mais apta à construção de um texto coerente na língua de chegada. São as situações textuais que exigem um conhecimento prático da realidade de origem.

A problemática da leitura tem hoje particular relevo nos Estudos Literários uma vez que a nossa relação com o texto é única, dependente de motivações subjectivas, e ocasiona também uma interpretação particular. A tradução também não ficou alheada desta reflexão. Assim, Manuel Frias Martins considera haver, subjacente ao acto tradutório três ordens a considerar: a ordem filológica, a apropriativa e a interactiva.

Defende que, quando numa tradução surgem textos mais antigos, o tradutor deve recorrer à filologia procurando textos da época que forneçam informações mais fiéis que possam permitir interpretações mais correctas. Deste modo, torna-se necessário reconstruir o texto do ponto de vista linguístico e do contexto histórico, geográfico, político etc.,. A ordem filológica implica da parte do tradutor um conhecimento profundo e diversificado no sentido de ser fiel à intenção do autor. Este parâmetro é difícil de alcançar porque a linguagem de um texto literário manifesta inúmeras incompatibilidades que interferem na significação e fazem com que o tradutor se afaste da intenção do autor. Por outro lado, a apreensão da verdade semântica é difícil uma vez que o texto literário é plurissignificativo e depende da interpretação pessoal e intransferível do tradutor (Lima, 2010: 127).

No que concerne à ordem interactiva, Frias Martins considera que no centro das questões de tradução não estão meras soluções linguísticas mas o tipo de interactividade desenvolvida, desempenhando o olhar interpretativo do tradutor um papel importante. Na sua perspectiva “a verdade do texto é a verdade da leitura, e esta o suporte da verdade da tradução (e da sua crítica)” (Martins *apud* Lima: 127). Quanto mais o tradutor interagir com o texto mais controversa será a sua tradução já que o tradutor vai adquirindo liberdade e esse “*desejo de liberdade*” cumpre-se nas substituições simbólicas, nos ritmos e nas imagens por que uma língua, uma cultura, um tempo interagem com outra língua, outra cultura, outro tempo” (Martins *apud* Lima: 128). Através da atitude interactiva, o texto original passa a viver outra vida.

A ordem apropriativa prende-se com a interpretação que o tradutor, enquanto leitor e pessoa singular, faz do texto uma vez que dela dependem as opções que tomará. Quando se trata de textos de cariz mais informativo o tradutor consegue facilmente, com recurso a dicionários, resolver as equivalências linguísticas de um texto. O mesmo não

acontece com textos literários com polivalência semântica e com uma carga simbólica e conotativa muito importantes. A tentativa de resolver o que pressente no texto, dando sentido a alguns vazios indefinidos, resulta de um processo de “*apropriações sucessivas*” que o tradutor fez enquanto leitor e que é uma “*apropriação*” particular e idiossincrática do texto. Essa apropriação manifesta-se nas opções linguísticas, metafóricas, simbólicas, etc., que interagem com o texto original de um modo profundo. (Lima, 2010: 65)

Por se tratarem de textos literários com forte conotação histórico-cultural, a proposta de tradução que se segue assenta nestas três ordens inerentes ao acto tradutório, isto é, as ordens filológica, interactiva e apropriativa.

Capítulo II - Para uma leitura de “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence

1. Alguns elementos do contexto histórico e sociocultural

A colonização francesa na Argélia remonta a meados do século XIX e termina em Março de 1962 com os acordos de Evian e o reconhecimento da independência da Argélia por parte do presidente francês Charles de Gaulle.

No período de colonização a potência dominante procede à implementação de meios legais para assegurar a sua autoridade e os seus interesses económicos. Assim, surgem uma série de medidas administrativas e políticas como o *Senatus Consulte* de 1863, que visava expropriar os colonizados das suas melhores terras de cultivo, empurrando-os para outras mais improdutivas e desérticas, e criar novas divisões administrativas rurais, os aduares, que agrupavam várias famílias provenientes das tribos desmanteladas. Outra medida aplicada é o Estatuto do Indigenato² (1881), instrumento que permitiu organizar e reforçar os propósitos coloniais que passaram pela ocupação das terras, condição primeira para a efectiva colonização. Continha uma série de disposições repressivas aplicadas unicamente aos argelinos muçulmanos, pois os colonos, cidadãos franceses ou de outras nacionalidades europeias, apelidados de “Pieds-noirs”, não estavam abrangidos por elas. Assim, a título de exemplo, os indígenas eram repartidos pelas zonas mais pobres, tornando-se trabalhadores nas grandes explorações agrícolas criadas pelos colonos. Em 1865 é criado um novo *Senatus Consulte* que colocava os autóctones sob jurisdição francesa, fazendo deles “*sujeitos* franceses em relação aos *cidadãos* franceses” (Nora, 1961: 93). Aliás, a concessão do estatuto de cidadão, reservada unicamente àqueles que renunciassessem à

² De referir que este estatuto também vigorou nas ex-colónias portuguesas.

religião e cultura muçulmanas³, era um processo sujeito a entraves tais que as naturalizações se tornavam excepcionais - quarenta por ano até 1940, segundo Pierre Nora (Nora, 1961: 95), sendo este processo mais difícil do que para um estrangeiro. O colonizado, de acordo com Albert Memmi, não usufrui nem da sua nacionalidade, uma vez que é contestada, nem da do colonizador por não participar da vida política, económica e social pelo facto de não ter direito de voto. Memmi, defende que esta exclusão da vida social levou o colonizado a restringir os seus interesses às esferas privada e religiosa para, deste modo, preservar a sua identidade e cultura (Memmi, 1985: 111-114).

Até 1914, a colonização esteve ligada economicamente à agricultura. O fenómeno de expropriação das terras aos autóctones fez com que a Argélia, que nunca conhecera a propriedade privada até à chegada dos europeus, se tornasse “um bem quase exclusivo dos colonos instalados no país” (Stora, 1991: 19). Este facto provoca segundo Pierre Bourdieu “a desintegração das unidades sociais tradicionais, a desagregação da família e o aparecimento de um proletariado rural, reserva de mão-de-obra barata” (Bourdieu, 1985: 107). Assiste-se a um êxodo rural, fruto do declínio da economia tradicional (comércio tribal) que não consegue competir com a economia capitalista. Assim, muitas vezes, os agricultores autóctones são obrigados a vender terras, a contrair empréstimos para sobreviver e, por fim, partir para os centros urbanos em busca de uma vida melhor.

Subjacente ao processo de colonização está o processo de aculturação. Assim, as ideias veiculadas oficialmente devem ser seguidas e a língua francesa converte-se na língua da cultura e do saber que o colonizado procura assimilar. Ele procura tornar-se europeu, seguindo o modelo:

³ Vd. Abdellatif Benachenhou, "De l'Algérie antique à l'Algérie française." *Encyclopaedia Universalis*, vol. I, 1985 ed. 717-22.

A primeira ambição do colonizado será a de igualar-se a esse modelo prestigiante, parecer-se com ele até nele desaparecer. A mulher loura, seja gorda e de traços banais, parece superior a toda a morena. Um produto fabricado pelo colonizador, uma palavra proferida por ele, são recebidos com confiança. Os seus hábitos, roupas, alimentos, arquitectura, são rigorosamente copiados, mesmo sendo inadequados (Memmi, 1985: 136-137).

O sistema educativo colonial implantado é similar ao da metrópole. Os heróis, os sábios e os pensadores são os da metrópole, assim como as matérias leccionadas. As festas comemoradas são as da metrópole, inclusivamente as religiosas. O ensino tinha dois níveis de formação, um reservado à minoria ensinada para desempenhar o papel de colonizador, portador de civilização, e outro para a maioria colonizada que devia aprender sobre a sua própria condição inferior e actuar de acordo com o imposto. Existem assim escolas para europeus e outras para indígenas, reservadas aos árabes, como nos lembra Maïssa Bey (“C’est quoi un arabe”: 147). Está desta forma implícito o racismo, ideologia bem arraigada ao colonialismo, sendo a inferiorização do outro a condição básica da mesma. Memmi considera que o colonizado é retratado como primitivo tendo o colonizador a missão de civilizá-lo: “Portador de valores da civilização e da história, cumpre uma missão: tem o grande mérito de iluminar as trevas infames do colonizado. Que esse papel lhe traga vantagens e respeito nada mais justo: a colonização é *legítima*, em todos os seus aspectos e consequências (Memmi, 1985: 94).

Por seu turno, Fanon analisa este processo na perspectiva do colonizado: “Começo a sofrer por não ser Branco na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim colonizado, extorque-me todo o valor, toda a originalidade, diz-me que sou um parasita no mundo, que devo colocar-me na linha do mundo branco (Fanon, 1952: 79).

Na perspectiva de Bourdieu, considerada sincronicamente, a sociedade colonial é composta por duas comunidades opostas:

Um sistema de castas pois é composta por duas comunidades justapostas e distintas e, o facto de pertencer à casta superior confere privilégios e traz subjacente o sentimento de superioridade em relação à outra. O relacionamento entre estas duas sociedades é reduzido ao mínimo, resultando daí uma segregação racial. Assim, a sociedade europeia, minoria majoritária nos planos social, económico e político, tenta, graças à ideologia racista, transformar os privilégios em direitos fazendo com que cada sociedade seja o que realmente é, a dominante, dominante, a dominada, dominada (Bourdieu, 1985: 116).

O acesso à educação por parte dos argelinos muçulmanos é reduzido, comparado com o dos Europeus, apesar destes serem em número inferior. O processo de alfabetização é dificultado pelo modo de vida e costumes dos autóctones que não vêm com bons olhos o professor e a escola pois o universo é muito diferente do familiar. Por outro lado, alguns colonos viam na instrução dos indígenas uma ameaça, receando que as escolas indígenas formassem insurrectos e desclassificados (Stora, 2004: 99) e incutissem ideias “subversivas” e que possibilitassem a ocupação de lugares na administração pública, que os colonos reservavam para si. Apesar destes entraves, a situação vai-se alterando e em 1945, de 1 250 000 crianças argelinas muçulmanas em idade escolar, mais de 100 000 recebem instrução primária nas 699 escolas. Do lado europeu, são 200 000 crianças que frequentam as 1200 escolas existentes (Stora, 1991: 99).

Apesar do domínio colonial, a Argélia continuou ligada ao mundo árabe e islâmico graças aos jornais e revistas e também às peregrinações a Meca. Assim, o conhecimento do que se passava no exterior, o preconceito racial, a negação da cultura nativa, a não ampliação dos direitos sociais e de cidadania às populações locais, por parte da administração local, as condições sociais desfavoráveis levaram ao surgimento de

movimentos nacionalistas a favor da independência da Argélia. Deste descontentamento do colonizado faz eco Memmi: “As suas tradições agonizam e perde a esperança em adquirir uma nova cultura, não tem nem língua, nem bandeira, nem técnica, nem existência nacional nem internacional, nem direitos, nem deveres (Memmi, 1985: 143).

Em 1945, ocorreram inúmeros conflitos, destacando-se os de Sétif e Ghelma, que deram lugar a sangrentas represálias por parte do general De Gaulle que não aplica na Argélia os conceitos da Revolução Francesa. Assim, não existe qualquer via legal para conduzir à emancipação e equaciona-se a revolta como solução para a libertação. Memmi escreve a este propósito: “A revolta, porém, é para a situação colonial, a única saída que não é miragem, e o colonizado descobre isso cedo ou tarde. A sua condição é absoluta e reclama uma situação absoluta, uma ruptura e não um compromisso (Memmi, 1985: 111). Por seu turno Fanon afirma: “A nível dos indivíduos, a violência desintoxica. Ela tira ao colonizado o seu complexo de inferioridade e as suas atitudes contemplativas ou desesperadas. A violência eleva o povo à altura do líder (Fanon, 2002: 90).

Após a independência do país, a Frente de Libertação Nacional (FLN) – organização de luta armada - ganha as eleições em Julho de 1963. De acordo com o historiador Benjamin Stora, a partir de 1962 a independência transforma-se no valor fundador e supremo que permite transformar o indígena em cidadão (Stora, 2001: 4). Ben Bella é eleito Presidente da República estabelecendo um regime socialista de partido único, adoptando a língua árabe e o Islão como símbolos da unidade e da identidade nacionais. Da independência até aos nossos dias, foram-se sucedendo governos na Argélia e o papel da mulher muçulmana na sociedade foi ficando cada vez mais comprometido.

Em 1984 foi adoptado o «código do estatuto pessoal e da família» pela Assembleia Nacional Popular. Este código é considerado por inúmeras associações de mulheres, em particular as que lutaram na guerra de libertação, uma regressão,

comparativamente com as alterações já operadas desde a independência, no relacionamento entre os dois sexos. Este código mantém marcas jurídicas da condição inferior a que a mulher está votada: a poligamia (o homem pode ter quatro mulheres ao mesmo tempo e a mulher só pode ter um marido), a proibição das mulheres casarem com um não muçulmano (ao contrário do homem que pode casar com uma mulher de outra religião), a dificuldade em obter o divórcio e quando tal acontece a custódia dos filhos fica para o pai, o seu testemunho que tem um valor inferior ao do homem que equivale ao dobro, a herança da mulher que é duas vezes inferior à do homem, entre outras tantas restrições. Acrescente-se que há ainda dois símbolos que sugerem uma subordinação ao homem: o harém e o véu.

Nos anos 1990 assiste-se a uma escalada dos movimentos islâmicos radicais que perpetraram violações e massacres sangrentos. Estima-se que entre 1992 e 1999 tenham morrido 100 000 pessoas às mãos de grupos terroristas islâmicos. No entanto, a violência não parou. A título de exemplo, lembramos o massacre dos monges do Mosteiro de Nossa Senhora do Atlas a 26 de Março de 2006, levado a cabo pelo GIA, testemunhado pelo único sobrevivente, o monge Jean Pierre Shumacher. Em 1999 ocupa a presidência Abdelaziz Bouteflika, ex-ministro das Relações Exteriores de Boumediene, que é reeleito sucessivamente em 2004 e em 2009. Actualmente a situação na Argélia continua a ser crítica uma vez que os diferentes actores em conflito continuam a divergir no que concerne o futuro do país.

2. Breve biobibliografia de Maïssa Bey: escritora argelina de língua francesa.

“Mon écriture est un engagement contre tous les silences. ”

Horizons (2004)

Maïssa Bey é o pseudónimo de Samia Benameur, nascida em 1950 em Ksar El Boukhari, uma aldeia ao sul de Argel. O uso do pseudónimo permite-lhe sobreviver no anonimato, enquanto escritora, uma vez que começa a publicar nos anos 1990, época política e socialmente muito conturbada. Este pseudónimo chega-lhe por via da mãe, que já pensara dar-lhe o nome “Maïssa” aquando do seu nascimento, vindo o apelido da avó materna.

Titular de um bacharelato em Letras Francesas, exerce a profissão de professora no departamento de francês na Universidade Djillali Liabès de Sidi-Bel-Abès e é conselheira pedagógica na Educação Nacional, no oeste argelino. É também fundadora e presidente de “Paroles et écriture”, associação de mulheres argelinas criada em 2000, que tem como objectivo abrir espaços de expressão cultural dos quais se salientam: encontros de autores, ateliers de escrita, criação de bibliotecas, entre outras actividades. É co-fundadora das edições “Chevre-feuille” onde dirige a colecção *Les Chants de Nidaba* e a revista “Étoiles d’Encre”. De leitora compulsiva desde a mais tenra idade, Maïssa Bey passa naturalmente à escrita que se constitui como uma necessidade vital: “(...) é a minha defesa, salva-me do absurdo”(“Interview de Maïssa Bey”: 5). Este “absurdo” não está dissociado da sangrenta guerra civil vivida na década de 1990, da rebelião cruel dos movimentos radicais islâmicos e da tentativa de imposição de silêncio a todas as vozes da Argélia de que é testemunha Maïssa Bey.

Inicia-se na escrita com artigos sobre a Argélia, publicados numa revista marroquina, que granjeiam críticas muito positivas e a encorajam a escrever, em 1996, o seu primeiro romance *Au commencement était la mer* onde tece o retrato de uma Argélia mergulhada na guerra civil, através do olhar de uma jovem que vive com um irmão mais velho que se refugia na religião. A mesma tenta romper o silêncio imposto por uma sociedade masculina, transgredindo as regras impostas e refugiando-se na leitura e no mar que lhe concedem a sensação de liberdade. Em 1998 escreve *Nouvelles d'Algérie* no momento em que o país se encontrava em plena guerra civil, sendo as heroínas mulheres argelinas vítimas da barbárie e do peso das tradições. Com este livro inicia um combate contra a intolerância e o terror que lhe vale o “Grand Prix de la Nouvelle de la Société des gens de lettres” criado em França por escritores célebres como Honoré de Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas e George Sand. Sempre movida pela liberdade, embrenha-se na escrita. Porém, Maïssa Bey só se considera escritora após a publicação do livro *Cette fille-là*, em 2001. Nesta obra que obtém o prémio Marguerite-Audoux atribuído a obras de língua francesa narra a história de algumas mulheres que vivem num sórdido hospício para idosos e que sofrem o drama do abandono e da solidão, pondo a nu a memória colectiva, a história e a rejeição social. Em *Entendez-vous dans les montagnes*, publicado em 2002, aliando a ficção à autobiografia e à História, Maïssa Bey regressa ao passado colonial que lhe permite confrontar-se com sentimentos dolorosos e traumáticos causados pela morte do pai, em combate pela libertação do país, e pacificar-se com ele, como confessa: “(...) ao escrever a última linha, chorei pela primeira vez o meu pai” (“Interview de Maïssa Bey”: 5). A história gira em torno de três destinos que se cruzam num comboio. Uma das protagonistas é uma argelina refugiada em França para escapar à guerra civil e que relembra o pai morto pelos militares franceses quarenta anos antes, por estar a favor da independência do país.

Viaja também um médico aposentado que cumpriu o serviço militar na Argélia, curiosamente na mesma aldeia e no mesmo ano em que o pai da narradora morreu. Por fim uma jovem neta de Pieds-Noirs, que gostaria de perceber esse passado doloroso de que ninguém quer falar. No ano de 2008 é brindada com o “Grand Prix du roman francophone SILA” com a obra *Pierre, sang, papier ou cendre* onde a escritora conta a história da Argélia e principalmente da colonização francesa que muito sofrimento causou ao povo argelino.

Para além de vários romances, contos e ensaios, publica também textos em inúmeras revistas literárias “Étoiles d’Encre”, “Librio”, “Folie d’Encre” tendo sido alguns adaptados ao teatro. Na sua obra Maïssa Bey vivencia acontecimentos trágicos relacionados com as diferentes fases que o país atravessou - guerra da independência contra a França, país colonizador, e a guerra civil após a independência - que lhe permitem escrever de forma apaixonada sobre aquilo que sente e que a toca. Desta forma, a sua obra tenta quebrar segredos e tabus da história e da sociedade argelinas, romper silêncios e revelar aspectos importantes do confronto de gerações e ainda restituir à mulher, “a palavra que lhe fora confiscada durante muito tempo”(Interview de Maïssa Bey”: 2).

Escrever em Francês, idioma mundialmente conhecido e mais falado do que a língua árabe, permite ter como potencial público-alvo todo o receptor francófono e assim permitir que os “silêncios” de que testemunha se façam ouvir mais longe.

2.1. Um olhar sobre a obra *Sous le jasmin la nuit*

No seu processo de escrita, a autora cria as suas histórias partindo da sua experiência individual, mas também colectiva que advém do relacionamento com as outras mulheres, pelo facto de ter crescido num universo feminino e contactado com “o desespero, a coragem, o sofrimento e em particular a esperança” o que desencadeou a necessidade de escrever sobre a mesma (“Interview de Maïssa Bey”: 2).

No seu livro *Sous le jasmin la nuit*, debruça-se sobre a condição social da mulher muçulmana numa sociedade que a condena ao silêncio em nome de tabus e conveniências sociais dando-nos diferentes perspectivas dessas imposições. Aborda a solidão da mulher: “A espera na solidão tornava-se lenta agonia renovada a cada noite” (“En ce dernier matin”: 29), a poligamia que traz subjacente a revolta contida por ter que aceitar outra mulher em casa para não ser repudiada, uma vez que é a pior situação para uma muçulmana essencialmente quando tem uma filha: “(...) Com o meu estatuto de primeira esposa, já mãe, via-me a reinar sobre ti, e sobre todas as que podiam suceder-se aqui. Vivam as concubinas!” (“En tout bien tout honneur” : 46). Também a violação: “Todos, todos, abusaram dela, nessa mesma noite” (“Noite et silêncio”: 69), e a desonra “ Se o meu pai e os meus irmãos ainda fossem vivos, eles tinham-me matado. Para não enfrentar a desonra” (“Noite et silêncio”: 87).

Henri Alleg numa entrevista concedida a Néstor Kohan e a Rémy Herrera lembra que “na tradição argelina e árabe de um modo geral, pensa-se que uma mulher violada está humilhada e suja. Não só a própria enquanto pessoa individual mas também toda a família”⁴ (Entrevista de Henri Alleg: 2004).

⁴ Henri Alleg foi director do jornal Alger *Républicain* a partir de 1950 e uma das principais vozes da imprensa que na Argélia apoiavam a luta do povo pela sua independência da França. Em 1955 o jornal é encerrado, Alleg passa à clandestinidade sendo posteriormente preso e torturado. Em 1957, na prisão, escreve *La Question* que consegue fazer sair clandestinamente sendo publicado em 1958, em Paris, com a

Aborda ainda outros aspectos como a dependência dos homens, a autoridade masculina, os sentimentos reprimidos: “Ela não sente, nunca sentirá a perturbação de um primeiro amor. A doçura de uma carícia e o olhar ardente num corpo desejado. A febre, o irreprimível tremor de quem espera prazer”(“En ce dernier matin”: 30), a submissão: “Fui convincente, cega pelo desespero e submissa. Também chorei, é aliás o que se espera de uma mulher. Ele recordou-me os meus deveres de mulher muçulmana. Ouvia-o de cabeça baixa”(“En tout bien”: 45).

O facto de ter de “disciplinar o olhar”, mantendo sempre os olhos baixos, é mais uma regra imposta à mulher muçulmana, por leituras mais fundamentalistas do Alcorão. Neste sentido, defende Bourdieu que a lei religiosa islâmica regula toda a vida, não só a religiosa e a intelectual, mas também a vida privada, social e profissional do praticante do islamismo (Bourdieu, 1958: 96).

Para Maïssa Bey a sua escrita aparece como “um compromisso contra o silêncio durante muito tempo imposto e que continua a ser imposto às mulheres” mas também, pelo simples facto de ser mulher, como “um confronto com o masculino”, um espaço de “transgressão”, de “subversão” uma vez que aborda problemas que estão muito para lá de simples estados de alma, temas relacionados com a transformação político-social de que foi alvo a Argélia.

Com a implantação de um estado alicerçado no islamismo, a mulher muçulmana vê-se cingida ao seu papel de mulher-objecto, de esposa submissa: “nunca pôde escolher a cor de um dos seus vestidos, a cara do homem que partilhou a sua vida, o nome dos seus filhos” (“Improvisation”: 55). A mulher muçulmana vê-se privada dos direitos mais elementares como a liberdade: “Liberdade estritamente vigiada. Instrução: varrer as palavras revolta, insubmissão, expressão, afirmação, sonhos, ideal ”,

ajuda de Jean-Paul Sartre e de Gabriel Marcel. Nessa obra traça um paralelo entre a tortura francesa na Argélia e a tortura nazi da Gestapo.

(“Nonpourquoiparceque”: 98) reduzindo-se a uma mulher obediente: “Aproxima-se, pronta a escutar, a obedecer” (“Sob o jasmim à noite”: 45), que só vive para cumprir o único papel que lhe é reconhecido pela sociedade, o da procriação: “ (...) recebeu os parabéns daqueles e daquelas que vinham visitá-la quando nascia um rapazinho. Sete dias de glória. Sete rapazes e três raparigas. Esvaziar, encher ” (“En ce dernier matin ” : 26-27). Na cultura muçulmana o nascimento de uma rapariga é visto como um drama, sendo sinónimo de desvalorização social e maldição divina. Também a educação se baseia no princípio fundamental da separação dos sexos, começando na própria família : “Ela é muito pequena e consegue entrar às escondidas na sala reservada aos homens e partilhar com eles as refeições ao redor da mesa baixa, sentada entre o seu pai e o seu tio, apesar da proibição. As mulheres comem noutra sala, depois de ter servido os homens” (“C’est quoi un arabe”: 146).

Na perspectiva da autora, a “denúncia” de tantas situações deve ser entendida como um “desejo de questionar com o intuito de encontrar respostas, o que não deixa de lhe causar constrangimentos uma vez que não corresponde à imagem tradicional da mulher muçulmana (mulher, mãe, esposa dependente do marido) mas à imagem da geração que se encontra na transição entre a colonização e o período pós-independência, uma vez que ela é fruto destas duas culturas que “reivindica totalmente como suas” (Entretien avec Maïssa Bey, 2009). Este hibridismo está sempre presente nas suas criações literárias.

Enquanto escritora muçulmana e, apesar da censura, acredita não existirem temas proibidos por não haver “barreiras à literatura nem à criatividade” (Interview de Maïssa Bey”: 3). Assim, o que interessa à autora é “escrever bem, contar bem a história”(“Entretien avec Maïssa Bey”, 2009). Desta forma, afirma que se tiver que falar

do corpo da mulher, do prazer, de sexo fá-lo naturalmente, nunca para “chocar ou agradar a uma certa sociedade” (“Entretien avec Maïssa Bey”, 2009).

No processo de escrita, a musicalidade da língua assume uma dimensão fundamental. A autora confessa que “ouve” o que escreve e procura, por vezes durante dias, a palavra que lhe parece adequada. Muito exigente consigo própria, procura a escrita “que gostaria de ler” (“Entretien avec Maïssa Bey”, 2009). Esta escrita é em língua francesa, que confessa adorar uma vez que faz parte da sua história por ter nascido num território considerado francês, daí a escritora dizer, numa entrevista a Abdelmajid Kaouah: “Eu não escolhi o francês, foi ele que me escolheu” (Bey *apud* Kaouah: 69).

Para Christiane Chaulet Achour, especialista em literatura argelina de expressão francesa e criadora da revista “Algérie Littérature action”, “a literatura feminina na Argélia é a expressão de tudo aquilo que se desfez na sociedade, na família e no indivíduo” (Achour *apud* Marsaut “Quand les algériens cartonnent”, 2006: 2).

Nas suas obras, de acordo com Sophie Perrin, a autora, sem adensar o discurso, dando só os pormenores essenciais, conta e descreve os seus sentimentos e ressentimentos tornando-os bem reais. São relatos repletos de pudor e de sobriedade que parecem sair do mais profundo da memória. A sua linguagem simples e viva suprime o supérfluo para dar lugar a uma escrita seca e cativante nas repetições e na brevidade das frases. (Perrin, “Sous la houle bouleversante de Maïssa Bey”: 2003). Esta brevidade em *Nuit et Silence* reflecte o pensamento rápido, as recordações do passado que surgem em catadupa como um “flash-back” e confere um ritmo rápido ao texto.

Maïssa Bey propõe uma escrita nova, na linha da geração do período pós-independência de que são exemplo Assia Djebar, Leïla Sebbar, Malika Mokkedem ou Nina Bouraoui quebrando tabus e preconceitos, mostrando a sua indignação face aos

condicionalismos sociais, políticos e religiosos que minimizam o estatuto da mulher numa sociedade que se quer mais igual, mais justa.

2.2. Breve resumo da obra *Sous le jasmin la nuit* e dos contos “Sous le jasmin la nuit” e «Nuit et silence».

Tendo como pano de fundo a Argélia, *Sous le jasmin la nuit* veiculado em formato “livro de bolso”, é uma recolha de onze contos dando um, “Sous le jasmin la nuit”, o título à obra. Nestes relatos, o sonho e a realidade misturam-se, fazendo eco da condição feminina na Argélia. As heroínas destes contos são todas mulheres, vítimas silenciosas, que lutam pela sua identidade, pela sua vida, pelos seus sonhos, pela sua liberdade e se revelam num relato traçado com carinho por Maïssa Bey.

O primeiro conto seleccionado “Sous le jasmin la nuit”, que dá título à obra, surge de uma canção do património cultural, cantada pela mãe e que a autora recorda da infância. Essa melodia transporta a narradora para momentos de evasão, de alegria, relembrando o cheiro do jasmim “só o aroma”, não a noite “não a escuridão” (“Sob o jasmim à noite”: 43). A noite assume uma carga simbólica negativa, sendo sinónimo de submissão, de mordação, de tristeza, uma vez que Maya se submete docilmente aos desejos sexuais do marido tornando-se rainha na arte da dissimulação. Neste conto, o lembrar desta melodia transporta a narradora para momentos de felicidade. Também no conto “Nuit et silence” é à noite que as violações acontecem e que surgem os pesadelos.

“Sous le jasmin la nuit” é a história de um casal: uma mulher aparentemente submissa, dócil, subjugada a um marido dominador, semelhante a todos os outros “carregados de certezas seculares. Cheios da sua força, da sua verdade. Poder de homem. Nunca questionado” (“Sob o jasmim à noite”: 51).

Maya é uma mulher sonhadora que entre o sonho e o quotidiano conta a sua solidão. Solidão pesada e difícil de suportar pois não tem em quem confiar, só em si própria. Este quotidiano, marcado pela espera dolorosa da noite, é entrecortado com as tarefas domésticas e as saídas para passear com o filho. A história reflecte um olhar alternado do casal, uma visão feminina e masculina, que dá conta das interrogações, dos pensamentos e da vivência do casal que é fruto de normas sociais rígidas. Assistimos à luta interior de Maya que a consome e a faz evadir-se para ambientes mais aprazíveis. O marido, um poderoso juiz diante de quem todos se curvam, aparenta amar Maya “(...) atento unicamente àquilo que pode captar dela e levar consigo” (“Sob o jasmim à noite”: 45), sentindo mesmo o ciúme “Para que viagem solitária é arrastada sem que ele a possa impedir, trazer de volta ou até mesmo acompanhar?” (“Sob o jasmim à noite”: 36-37), no entanto revela-se impotente por não conseguir alcançar o mais profundo do seu ser “tudo aquilo que a torna tão distante, inacessível?” (“Sob o jasmim à noite”: 48).

O segundo conto “Nuit et silence” é concebido como um testemunho histórico de um momento conturbado da História da Argélia, vivido por alguém que sofreu os horrores de uma guerra civil e o crescendo dos movimentos radicais islâmicos, já no período pós-independência, estando subjacente um apelo à memória colectiva. A autora conta a história do calvário vivido por uma rapariga argelina de quinze anos, Dida, que numa Argélia independente, assiste à morte de toda a família por uma questão de vingança, uma vez que o seu irmão Djamel, que fazia parte de um grupo armado e vivia na resistência, se apaixonara por uma rapariga que fora levada para o acampamento e fugira com ela acabando por ser mortos. Dida é levada para cativo, violada e torturada por elementos de grupos islâmicos radicais em “nome de Deus”. Após algum tempo consegue fugir, sendo recolhida num centro de acolhimento onde enfrenta a vergonha de uma gravidez imposta, um forte sentimento de culpa por ter desonrado a

família e onde luta para conseguir a “liberdade”, mesmo que seja através da morte. É nesse centro de acolhimento que ela evoca lembranças fragmentadas, revividas em forma de analepse, intercaladas com o momento actual; lembranças que revelam aspectos ensombrados desta década de 1990, marcada pelo terror. Trata-se de um relato vivo da história recente do país em que o leitor se apercebe da extrema violência, física em particular, vivida pela jovem e, de forma alargada, pela população argelina. Neste conto, a autora salienta aspectos dramáticos da guerra civil que assolou a Argélia, tais como a proliferação dos grupos fundamentalistas islâmicos que cometem actos atrozes e gritam slogans na rua em “glória de Deus”: “Era assim que começavam tudo o que faziam: «*Em nome de Deus.* » Sem parar. Antes de beber. Antes de comer. Antes de nos castigar. Antes de matar. Invocavam o nome de Deus a toda a hora. Ao chegar perto da nossa porta gritavam: «Allah ou akbar!» Foi por isso que soubemos de imediato quem eram” (“Noite e silêncio”: 85).

Também aborda o conflito entre a modernidade, protagonizada por uma geração que sonha com um futuro independente estudando ou trabalhando, e a tradição: “Tinha o cabelo curto. A cabeça destapada. Parecia-se com essas mulheres que vemos na televisão. Ou com as que vivem nas cidades, sem véu, sem jelaba. Algumas mulheres saem de casa todos os dias para trabalhar juntamente com os homens em escritórios. Há até algumas que conduzem carros” (“Noite e silêncio”: 74-75)

Como grande parte dos intelectuais argelinos de expressão francesa Maïssa Bey visa pôr a nu momentos controversos da história actual mas também do período da colonização. É este interesse pela história, por uma cultura diferente e o prazer de dar aos textos originais uma outra vida noutra língua permitindo a sua divulgação e sobrevivência que permanecem subjacentes à tradução/reescrita em Língua Portuguesa dos contos “*Sous le jasmin la nuit*” e “*Nuit et Silence*”.

Capítulo III – Tradução/ reescrita dos contos

1. Reescrita do conto “Sous le jasmin la nuit”

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 9

Penché sur elle, il la regarde dormir. Lèvres entrouvertes, souffle léger, paupières closes refermées sur des visions, des rêves qui l'excluent, il ne peut pas en douter. Dans la chambre à peine éclairée par la petite lampe qu'il laisse allumée tard dans la nuit, tout est silence. Penché sur elle, il regarde ce corps souple, détendu sur les draps froissés. Il vient de la posséder. De la prendre. De la pénétrer. Apparemment. De prendre ce qui lui est donné. Apparemment. À présent il épie ce corps, à l'abandon, immergé dans un espace qu'il ne peut atteindre, qu'il ne peut étreindre. Penché sur elle, il cherche à franchir les frontières de ces lieux interdits. Elle est ailleurs, seule. Seule? Si seulement il pouvait en être sûr. Comment saisir cette part d'elle qui lui échappe? Penché sur elle, il scrute son visage. Attentivement. Ce frémissement au coin

Proposta de tradução

Debruçado sobre ela, observa-a a dormir. Lábios entreabertos, respiração leve, pálpebras fechadas mergulhadas em visões, sonhos que o excluem, não duvida. No quarto ligeiramente iluminado pelo candeeiro que deixa aceso a noite dentro, tudo é silêncio. Debruçado sobre ela, observa aquele corpo ágil, relaxado sobre os lençóis amarrotados. Acaba de a possuir. De a ter. De a penetrar. Aparentemente. De ter o que lhe é dado. Aparentemente. Agora, espreita aquele corpo ao abandono, submerso num espaço que não pode alcançar, que não pode abraçar. Debruçado sobre ela, procura transpor as fronteiras desses lugares proibidos. Está algures, só. Só? Se ao menos isso fosse uma certeza. Como agarrar esta parte dela que lhe escapa? Debruçado sobre ela, sonda a sua face. Atentamente. Este leve tremor no canto

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Ce frémissement (...)"	<u>Adição de palavras:</u> "Este leve tremor (...)"	Para conferir a ideia de movimento suave dada pelo vocábulo "frémissement".

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 10

des lèvres, n'est-ce pas l'esquisse d'un sourire, cette façon de cligner des yeux, brusquement, ce lent soupir venu du plus profond d'elle et qui parcourt son corps en une ondulation à peine perceptible, n'est-ce pas... Elle remue légèrement les épaules, comme pour se débarrasser d'un fardeau, se détourne, pose la joue sur sa main, lui dérobe son visage et continue de rêver. Puis elle relève le bras et de la main agrippe le drap en se mordant brusquement les lèvres. Dans un mouvement de rage, il se redresse, serre les poings tandis que monte en lui le désir de l'appeler, de la secouer brutalement pour lui faire reprendre conscience, lui faire savoir qu'il est là. Qu'elle ne peut s'en aller sans lui. La respiration de l'endormie se fait plus rapide. Battements de cils, souffle précipité, soudaine crispation du corps qui s'arc-boute et peu à peu se détend, s'abandonne. Vers quel voyage solitaire est-elle emportée sans qu'il puisse la retenir, la ramener vers lui, ni même la suivre ? L'épaule nue luit dans la pénombre, ronde, dorée, grain serré de la peau. Il lève la main comme pour une caresse, mais la laisse retomber, inutile. Comment être sûr que sous ces yeux fermés

Très vite, sous ce regard posé sur elle, elle a fait semblant de dormir. Elle contrôle sa respiration, en ralentit le rythme, souffle lent, puis régulier, yeux scellés, détente de tout le corps, relâchement

Proposta de tradução

dos lábios, não será o esboço de um sorriso, esta maneira de piscar os olhos, bruscamente, este lento suspiro vindo do mais profundo de si e que percorre o seu corpo numa ondulação dificilmente perceptível, não será ... Mexe levemente os ombros, como para se livrar de um fardo, volta-se, põe a face em cima da mão, oculta-lhe o rosto e continua a sonhar. Depois levanta o braço e com a mão agarra o lençol mordendo bruscamente os lábios. Num movimento de raiva, ele endireita-se, cerra os punhos ao mesmo tempo que surge nele o desejo de a chamar, de a sacudir brutalmente para lhe fazer recuperar a consciência, mostrar-lhe que ele está ali. Que ela não pode partir sem ele. A respiração da adormecida torna-se mais rápida. Pestanejos, respiração precipitada, repentina cristação do corpo que se arqueia e pouco a pouco se descontrai, se abandona. Para que viagem solitária é arrastada sem que ele a possa impedir, trazer

de volta ou até mesmo acompanhar? O ombro nu brilha na penumbra, roliço, dourado, sinónimo de pele firme. Levanta a mão como para uma carícia, mas deixa-a cair, inútil. Como ter a certeza que por baixo daqueles olhos fechados

Muito depressa, debaixo daquele olhar que a observa, ela fingiu dormir. Controla a respiração, reduz o seu ritmo, sopra lento, depois regular, olhos selados, descontração de todo o corpo, relaxamento

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>" (...), n'est-ce pas l'esquisse d'un sourire (...)"</p> <p>"Elle contrôle sa respiration, (...)"</p>	<p><u>Tempos verbais:</u></p> <p>" (...), não será o esboço de um sorriso (...)"</p> <p><u>Supressão de palavras:</u></p> <p>"Controla a respiração, (...)"</p>	<p>Optámos pelo futuro uma vez que se trata de uma interrogação que traz subjacente algum grau de incerteza.</p> <p>Omissão do sujeito e do possessivo, subentendidos em português e de uso comum.</p>

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 11

progressif, jusqu'à feindre l'abandon du sommeil. Il n'a pas éteint la lumière. Pas encore. Il veut voir tous les soirs son corps, ses yeux, son visage jusque dans l'irrésistible montée du plaisir. Elle, elle ferme les yeux dans la houle, et le laisse se repaître de son corps [offert pris labouré]. Il n'éteindra sa lumière que très loin dans la nuit. Elle se laisse glisser doucement dans une semi-conscience sur des rivages heureux et dérive sans repères dans un univers à peine bleuté, brumeux, traversé de temps à autre par des éclats de lumière. Elle court au bord d'un chemin de poussière, un sentier poudreux bordé de hautes montagnes sombres, elle court pieds nus, dans le soleil, tout entière tendue par le désir d'arriver de l'autre côté, là-bas, au bord du fleuve dont elle entend la rumeur obsédante. Légère, elle court recouverte d'un voile de poussière rouge, d'un halo de lumière qui l'enveloppe et la protège. Ses pieds ne laissent aucune trace sur le chemin et elle avance, guidée par la certitude qu'un jour il faudra gravir les montagnes, déjouer les obstacles si elle veut arriver. Des regards la suivent, des milliers de regards avides, irradiants, éclats d'obsidienne en suspens dans le ciel elle en sent le tranchant sur son corps, sur ses jambes nues, sur son visage cinglé par de grands vents, sur ses épaules nues, mais elle continue, elle court, elle s'éloigne. Encore plus vite, encore plus loin

Proposta de tradução

progressivo, até simular o sono. Ele não apagou a luz. Ainda não. Quer ver o seu corpo, os seus olhos, o seu rosto todas as noites até à irresistível subida do prazer. Ela, fecha os olhos durante o frenesim, e deixa-o saciar-se do seu corpo [oferecido possuído lacerado]. Ele só vai apagar a luz muito noite dentro. Ela deixa-se deslizar suavemente numa semi-consciência para lugares felizes e deriva sem referências num universo ligeiramente azulado, brumoso, atravessado de vez em quando por clarões de luz. Corre à beira de um caminho de pó, uma vereda poeirenta ladeada de altas montanhas sombrias, corre descalça, ao sol, toda ela tensa pelo desejo de chegar ao outro lado, além, à margem do rio do qual ouve o rumor obsessivo. Leve, corre coberta por um véu de pó vermelho, por um halo de luz que a envolve e a protege. Os seus pés não deixam qualquer marca no caminho e ela avança, guiada pela certeza de que um dia terá de subir as montanhas, ultrapassar os obstáculos se quiser chegar. Olhares seguem-na,

milhares de olhares ávidos, irradiantes, fragmentos de obsidiana suspensos no céu que ela sente cortarem o seu corpo, as suas pernas nuas, o seu rosto fustigado por grandes ventos, os seus ombros nus, mas ela continua, corre, afasta-se. Cada vez mais depressa, cada vez mais longe

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"(...), jusqu'à feindre l' abandon du sommeil."	<p><u>Supressão de palavras:</u></p> <p>" (...), até simular o sono."</p>	O facto de não incluir a palavra "abandono" torna a frase mais correcta estilisticamente e mais leve em português.
"Elle, elle ferme les yeux dans la houle , (...)"	<p><u>Léxico:</u></p> <p>"Ela, fecha os olhos durante o frenesim (...)"</p>	A escolha recaiu em "frenesim" uma vez que "houle" faz lembrar, pelo aspecto ou movimento, a superfície de um mar agitado. Procurámos manter a equivalência de sentido.
"Des regards la suivent, des milliers de regards avides, irradiants, éclats d'obsidienne en suspens dans le ciel elle en sent le tranchant sur son corps, (...)"	<p><u>Morfossintaxe:</u></p> <p>"Olhares seguem-na, milhares de olhares ávidos, irradiantes, fragmentos de obsidiana suspensos no céu que ela sente rasgarem o seu corpo, (...)"</p>	Neste segmento, a ausência de pontuação (vírgula) após "ciel", que se poderá atribuir a um problema de revisão, leva à alteração sintáctica da frase criando uma subordinada relativa, inexistente no original e à alteração do nome "tranchant" em verbo.

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 12

Les gestes du matin. Ouvrir les yeux, deviner à la clarté qui baigne la chambre que l'heure est proche de se lever et de partir. Il étend le bras. A côté de lui, la place est vide mais encore tiède. Elle s'est levée sans bruit pour ne pas déranger son sommeil. Bruits du matin. Vaisselle doucement entrechoquée, odeur de café. Il referme les yeux. Dès qu'elle aura tout préparé, elle viendra dans la chambre et ouvrira les persiennes. C'est ainsi qu'elle le réveille, en chassant la nuit. Sans dire un mot. Sans prononcer son nom. Elle s'affaire dans la cuisine. Elle marche pieds nus, il ne l'entend pas entrer. Il ne l'entend jamais. A peine un léger glissement. Et puis tout proche enfin, le bruissement de la robe tandis qu'elle se dirige vers la fenêtre. Besoin de s'étirer, les yeux mi-clos contempler son corps ses seins dressés sous le tissu soyeux. Vision du matin. Bouche fermée sur les mots qu'il ne sait pas dire. Un raclement de gorge seulement. Yeux miclos, il la regarde, le corps encore engourdi juste cette pensée surgie au fond de son silence elle est à moi. Dans le jour qui commence, cette

Elle fredonne. A peine un murmure. Mots indistincts. Il y a toujours des mots d'amour dans les chansons qui lui viennent aux lèvres. Elle laisse longtemps couler l'eau. Qu'elle soit assez fraîche pour lui redonner vie chaque matin. S'asperger alors

Proposta de tradução

Os gestos matinais. Abrir os olhos, adivinhar através da claridade que ilumina o quarto que a hora de se levantar e partir está próxima. Ele estende o braço. Ao seu lado, o lugar está vazio mas ainda morno. Ela levantou-se sem barulho para não perturbar o seu sono. Ruídos matinais. Loiça delicadamente entrechocada, cheiro a café. Ele fecha os olhos. Quando ela tiver tudo preparado, virá ao quarto e abrirá as persianas. É assim que o acorda, afugentando a noite. Sem dizer uma palavra. Sem pronunciar o seu nome. Ela está atarefada na cozinha. Anda descalça, ele não a ouve entrar. Aliás, nunca ouve. Só um leve deslizar. E depois mais perto finalmente, o roçar do vestido enquanto se dirige para a janela. Necessidade de se espreguiçar, olhos entreabertos de contemplar o seu corpo, os seus seios erectos debaixo do tecido sedoso. Visão matinal. Nem uma palavra a respeito daquilo que não sabe dizer. Só um pigarreio na garganta. Olhos

entreabertos, observa-a, o corpo ainda entorpecido só este pensamento vindo do fundo do seu silêncio ela é minha. No dia que começa, esta

Ela canta baixinho. Apenas um murmúrio. Palavras indistintas. Há sempre palavras de amor nas canções que lhe chegam aos lábios. Deixa correr a água muito tempo. Que esteja bem fresca para lhe devolver a vida todas as manhãs. Salpicar então

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>"(...) juste cette pensée surgie au fond de son silence elle est à moi."</p> <p>"Elle fredonne."</p>	<p><u>Pontuação</u> :</p> <p>"(...) só este pensamento vindo do fundo do seu silêncio ela é minha."</p> <p><u>Adição de palavras</u>:</p> <p>"Ela canta baixinho."</p>	<p>Mantivemos a ausência da vírgula após “silence” por se julgar ser uma clara opção estilística da autora, presente noutras situações.</p> <p>A inclusão do adjectivo “baixinho” visa conferir a ideia transmitida pelo verbo “fredonner”: “chanter à mi-voix, à bouche fermée”, pois as alternativas “cantarolar” ou “trautear” não transmitem essa ideia.</p> <p>Como o texto é construído com uma dupla perspectiva, feminina e masculina, a explicitação do sujeito clarifica aqui a compreensão.</p>

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 13

les bras, le visage cueillir la rosée source au chant cristallin bondir sur des rochers en écoutant le bruissement des feuilles bercées par une brise venue du large. *Ô mon jardin d'eau fraîche et d'ombre* les fenêtres sont ouvertes et le soleil sans attendre s'est glissé au cœur d'un sourire venu sur ses lèvres, elle ne sait comment elle ne sait pourquoi. La journée sera belle. Pieds nus sur le carrelage blanc et frais, elle s'affaire dans la cuisine. Sur la table, la tasse le lait bien chaud la cafetière fumante le cendrier aux reflets de nacre regarder la fumée jouer en volutes dans la projection oblique du rayon de lumière pendant qu'il boit son café. Derrière la porte, des enfants dévalent les escaliers, s'interpellent, se saluent à grands cris et s'en vont. Bruits du matin, cadence des jours. Chanson mystérieuse et douce, refrain qui la poursuivra tout le jour. Retrouver les paroles de cet air qui chante en elle *sous le jasmin la nuit* oui cette chanson d'autrefois venue sur ses lèvres elle ne sait comment elle ne sait pourquoi *sous le jasmin la nuit* c'est peut-être ça, seulement l'odeur pas l'obscur.

Avant de refermer la porte, il l'appelle. Maya. Il répète son nom sans trop savoir pourquoi. Maya. Elle apparaît au seuil de la chambre, la tête nimbée de lumière. Elle attend. Debout dans l'encadrement il ne voit pas les traits de son visage. Il ne sait pas

Proposta de tradução

os braços, o rosto apanhar o orvalho na nascente de canto cristalino saltar de rochedo em rochedo ouvindo o sussurro das folhas embaladas por uma brisa vinda do mar. *Ô meu jardim de água fresca e de sombra*⁵ as janelas estão abertas e o sol sem esperar insinuou-se num sorriso que se fixou nos seus lábios, não sabe como não sabe porquê. O dia será belo. Descalça nos ladrilhos brancos e frescos, está atarefada na cozinha. Na mesa, a chávena o leite bem quente a cafeteira fumegante o cinzeiro com reflexos nacarados observar as espirais de fumo na projecção oblíqua do raio de luz enquanto ele bebe o café. Atrás da porta, crianças descem a correr as escadas, interpelam-se, cumprimentam-se aos gritos e vão-se embora. Ruídos matinais, cadência dos dias. Canção misteriosa e suave, refrão que a perseguirá todo o dia. Relembrar a letra desta

⁵ Nota da tradutora - «Ô mon jardin d'eau fraîche et d'ombre» - verso do poema *Heureux celui qui meurt d'aimer* de Louis Aragon.

cantiga que lhe veio à memória *sob o jasmim à noite*⁶ sim esta canção de outros tempos que se fixou nos seus lábios não sabe como não sabe porquê *sob o jasmim à noite* talvez seja isso, só o aroma não a escuridão.

Antes de fechar a porta ele chama-a. Maya⁷. Repete o nome dela sem saber porquê. Maya. Ela surge à entrada do quarto, a cabeça iluminada de luz. Espera. De pé no enquadramento da porta não vê os traços do rosto dela. Não sabe

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>"(...) cueillir la rosée source au chant cristallin bondir sur des rochers (...)"</p>	<p><u>Léxico:</u> "(...) apanhar o orvalho na nascente de canto cristalino saltar de rochedo em rochedo (...)"</p>	<p>Para este segmento metafórico procurámos captar o núcleo da informação, isto é, o sentido da mesma. Assim, pela análise de todo o segmento, o elemento água (banho) é o elemento purificador que lhe proporciona alívio, lhe dá vida e a transporta para outros lugares felizes – nascente; rochedos; brisa; mar. Desta forma, optou-se por atribuir a “nascente de canto cristalino” a função de complemento circunstancial de lugar.</p>

⁶ Nota da tradutora - «Sous le jasmin la nuit» – verso de uma canção popular tradicional argelina.

⁷ Nota da tradutora – Maya simboliza a graça.

<p>"(...) le soleil sans attendre s'est glissé au coeur d'un sourire <u>venu sur ses lèvres, elle ne sait comment elle ne sait pourquoi.</u>"</p>	<p style="text-align: center;"><u>Paralelismo:</u></p> <p>"(...) o sol sem esperar insinuou-se num sorriso <u>que se fixou nos seus lábios não sabe como não sabe porquê.</u>"</p>	<p>Procurámos manter o paralelismo, que surge com alguma frequência neste conto e lembra o texto poético. Para tal, perde-se o particípio passado e faz-se uso do pronome relativo com função de sujeito - “que”.</p>
<p>"(...) cette chanson d'autrefois <u>venue sur ses lèvres elle ne sait comment elle ne sait pourquoi (...)</u>"</p>	<p>"(...) esta canção de outros tempos <u>que se fixou nos seus lábios não sabe como não sabe porquê (...)</u>"</p>	
	<p style="text-align: center;"><u>Léxico:</u></p>	
<p>"(...) cet air qui chante en elle (...)"</p>	<p>"(...) esta cantiga que lhe veio à memória (...)"</p>	<p>Optámos por “cantiga” uma vez que “ária” é uma composição destinada ao canto, logo aplicável a canções mais eruditas. A escolha de “que lhe veio à memória” surge por associação visto que o acto de cantar implica lembrar.</p>
	<p style="text-align: center;"><u>Tempos verbais:</u></p>	
<p>"(...) c'est peut-être ça, (...)"</p>	<p>"(...) talvez seja isso, (...)"</p>	<p>A alteração do modo indicativo para o conjuntivo opera-se pois em português o uso do advérbio de dúvida “talvez” assim o exige.</p>

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 14

si elle le regarde, si elle lui sourit, attentif seulement à ce qu'il pourra saisir d'elle et emporter avec lui. Halo de lumière transparence du jour. Elle s'approche, prête à écouter, à obéir. Certainement. Il se détourne. Il sort. Il marche lentement. Derrière lui la porte se referme. Doucement. Il descend les marches. La rue est déjà noyée de soleil. Là-haut, les fenêtres sont ouvertes. Il lui suffirait de se retourner, peut-être ainsi pourrait-il

Immobile près de la porte, le corps droit liane gracile et encore tendre, elle entend en elle l'écho de sa voix. Son nom. Maya. Elle chante. Plus fort maintenant. Pourquoi ne chanterait-elle pas ? Son nom à elle doucement andante violons en cascade au cœur du jour recommencé. Quelque chose en elle un subtil frémissement solitude attendrie « *un frisson d'eau sur de la mousse* ». Mettre en mots ce qui s'impatiente en elle, cette incroyable douceur qui alanguit ses gestes maintenant qu'elle est seule. La traversée du jour propice aux attentes, aux rêves mirages accourus à présent. Elle n'a dans les mains qu'un fragile éclat de lune volé à la nuit. Ne veut pas briser ce qui pourrait n'être qu'un leurre. À petits pas, elle va, elle parcourt le matin solitaire, elle hésite parfois devant la porte qu'elle a elle-même refermée puis se détourne, continue son chemin.

Proposta de tradução

se olha para ele, se lhe sorri, atento unicamente àquilo que poderá captar dela e levar consigo. Halo de luz transparência do dia. Ela aproxima-se, pronta a ouvir, a obedecer. Certamente. Ele volta-se. Sai. Caminha lentamente. A porta fecha-se quando sai. Devagar. Desce as escadas. A rua já está inundada de sol. Lá em cima, as janelas estão abertas. Bastar-lhe-ia virar-se, talvez assim pudesse

Imóvel junto à porta, o corpo direito liana delicada e ainda jovem, ouve em si o eco da voz dele. O seu nome. Maya. Ela canta. Mais alto agora. E porque não cantar? O seu nome suavemente andante violinos em cascata em pleno dia que recomeçou. Algo

nela um leve arrepio solidão terna «*um arrepio de água na espuma*»⁸. Dizer por palavras o que se impacienta nela, esta incrível ternura que enlanguesce os seus gestos agora que está só. O passar do dia propício a expectativas, a sonhos miragens subitamente presentes. Ela só tem nas mãos um frágil rasgo de lua roubado à noite. Não quer quebrar aquilo que poderia não passar de um engano. Com pequenos passos, vai, percorre a manhã solitária, hesita por vezes em frente da porta que ela própria fechou depois volta-se, continua o seu caminho

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>"Il lui suffirait de se retourner, peut-être ainsi pourrait-il"</p> <p>"Pourquoi ne chanterait-elle pas?"</p>	<p><u>Tempos verbais</u> :</p> <p>"Bastar-lhe-ia virar-se, talvez assim pudesse"</p> <p><u>Sintaxe</u>:</p> <p>"E porque não cantar ?"</p>	<p>Exprimindo esta frase uma vontade, um desejo, uma probabilidade, o conjuntivo é por excelência o modo usado.</p> <p>Optámos por esta estrutura mais simples com o verbo no infinitivo e de uso mais frequente em português, em vez de «Porque não cantaria ela?» com inversão da ordem normal dos elementos na frase (V + S) muito usual em francês, mas não tanto em português, e uso do condicional.</p> <p>Esta frase também imprime um outro sentido: o motivo pelo qual a personagem não canta, o que poderia gerar ambiguidade.</p>

⁸ Nota da tradutora - «un frisson d'eau sur de la mousse» - verso do poema *Écoutez la chanson bien douce* de Paul Verlaine, cantado por François Bernheim, por Leo Ferré e retomado no poema musicado *La femme Grillagée* de Pierre Perret.

<p>"(...) mirages accourus à présent"</p>	<p style="text-align: center;"><u>Morfossyntaxe :</u></p> <p>"(...) miragens subitamente presentes"</p>	<p>Uma vez que o verbo “accourir” significa – “venir en courant, en se pressant” – optou-se por substituir o particípio passado por um advérbio que veiculasse essa ideia. Em termos sintáticos substituiu-se um complemento circunstancial de tempo “à présent” por um atributo “presentes”.</p>
--	---	---

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 15

Tout le jour il pense à ce qu'il ne peut saisir d'elle. Ce mystérieux sourire sur ses lèvres au cœur du sommeil. Ses yeux baissés pour éviter de le regarder. Eaux troubles, profondes. Qu'a-t-elle, enfoui, là, tout au fond d'elle ? Comment venir à bout de cette infime crispation qui la raidit lorsqu'il pose les mains sur... Comment la posséder, entièrement, pleinement, la remplir de lui, de son odeur à lui, de son souffle, de son image, de son nom ? Comment l'enchaîner, la contraindre, la réduire, effacer les songes qui l'emportent loin de lui ? Oui, se répète-t-il agacé, irrité, tourmenté, la réduire, qu'elle ne soit qu'à moi, philtres et sortilèges. Aller jusqu'au bout briser la coque, extraire d'elle tout ce qui la rend si lointaine, inaccessible, comme si

Une vie pleine. Pourquoi a-t-elle au fond de la gorge un tourment aigu, comme un scrupule ? Une détresse qui déborde, s'étend et grandit jour après jour. Jours trop souvent cernés de gris. Elle ne sait ce qui fait naître le tumulte étrange et déroutant qui de temps à autre gronde en elle. Elle n'est pas malheureuse oh non ce mot ne lui convient pas. Non. Mais elle ne sait pas non plus mettre des mots sur ce qui lui manque tarissement enlèvement. Bien plus encore. Comme une plante qui dépérit alors même qu'elle a tout ce qu'il lui faut pour s'épanouir, eau lumière terre air renouvelé aussi régulièrement

Proposta de tradução

Durante todo o dia ele pensa naquilo que não pode captar dela. Aquele misterioso sorriso nos seus lábios em pleno sono. Os olhos baixos para evitar olhá-lo. Águas turvas, profundas. O que tem ela, enterrado, lá, bem no fundo? Como acabar com aquela ínfima cristação que a deixa tensa quando pousa as suas mãos sobre ... O que fazer para a possuir, totalmente, plenamente, a encher dele, do seu próprio cheiro, do seu sopro, da sua imagem, do seu nome? O que fazer para a acorrentar, a constranger, a subjugar, apagar os sonhos que a levam para longe dele? Sim, repete para si mesmo enervado, irritado, atormentado, subjugá-la, tê-la só para mim, filtros e sortilégios, ir até ao fim quebrar a carapaça, extrair dela tudo aquilo que a torna tão distante, inacessível, como se

Uma vida cheia. Porque razão sente no fundo da garganta um tormento penetrante, como um escrúpulo? Uma aflição que transborda, se espalha e cresce dia após dia. Dias demasiadamente acinzentados. Não sabe o que origina este tumulto estranho e desconcertante que de tempos a tempos ressoa nela. Ela não é infeliz ó não esta palavra não lhe convém. Não. Mas ela também não sabe definir o que lhe falta esgotamento afundamento. Muito mais do que isso. Como uma planta que definha quando tem tudo para desabrochar, água luz terra ar renovado tão regularmente

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"(...) la remplir de lui, de son odeur à lui , de son souffle, de son image, de son nom ?"	<p style="text-align: center;"><u>Morfologia</u> :</p> "(...) a encher dele, do seu próprio cheiro, do seu sopro, da sua imagem, do seu nome?"	Optou-se por manter o possessivo uma vez que se realça a ideia de pertença - acentuada ainda mais através do reforço da palavra "próprio".

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 16

que possible. Que pourrait-elle désirer de plus et pourquoi se sent-elle si sèche, aride, impénétrable, insensible, comme si l'eau glissait sur ses ailes repliées sans pouvoir atteindre les racines et se déversait tout autour. Inutilement. Lorsque les vents venus du large agitent les branches des arbres, les feuilles les plus fragiles se détachent et tombent au sol et pourrissent. Lentement. C'est peut-être ça. Lent pourrissement, irrémédiable, une à une les illusions se détachent, tombent sur le sol - lents tourbillons - sont écrasées par les pas des hommes, se corrompent pourrissent. Irrémédiablement. Comment faire pour ne pas

Il marche. Tout le poids du soleil sur son dos. Le soleil a un sexe chez nous, il est féminin. La nuit aussi. Il s'arrête comme saisi par cette évidence. Autour de lui, les hommes vont et viennent tranquillement bardés de certitudes séculaires. Pénétrés de leur force, de leur vérité. Puissance d'homme. Jamais remise en cause. Leurres. Il marche. On le reconnaît. On le salue. On s'écarte. Il est partout chez lui. Personne ne peut se mettre en travers.

Elle seule.

Dévorante inquiétude. L'écraser, par la seule force de ses certitudes. De sa virile volonté. Lorsqu'il pense à elle, il se sent happé, attiré irrésistiblement vers un gouffre plein d'ombres mouvantes, hostiles.

Proposta de tradução

quanto possível. Que mais poderia desejar e porque é que se sente tão seca, árida, impenetrável, insensível, como se a água deslizesse sobre as suas asas fechadas sem poder atingir as raízes e se derramasse à sua volta. Inutilmente. Quando os ventos vindos do mar agitam os ramos das árvores, as folhas mais frágeis soltam-se e caem no chão e apodrecem. Lentamente. Talvez seja isso. Lento apodrecimento, irremediável, uma a uma as ilusões soltam-se, caem no chão – lentos turbilhões – são esmagadas pelos passos dos homens, corrompem-se apodrecem. Irremediavelmente. O que fazer para não

Ele caminha. Todo o peso do sol nas costas. O sol tem um sexo no nosso país, é feminino. A noite também. Ele pára como dominado por esta evidência. À sua volta, os homens vão e vêm tranquilamente carregados de certezas seculares. Cheios da sua força, da sua verdade. Poder de homem. Nunca questionado. Logros. Caminha. Reconhecem-no. Cumprimentam-no. O mundo pertence-lhe. Ninguém se pode atravessar no seu caminho.

Só ela.

Devoradora inquietação. Esmagá-la, pela simples força das suas certezas. Da sua viril vontade. Quando pensa nela, sente-se apesado, atraído irresistivelmente para um abismo repleto de sombras movediças, hostis.

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>"C'est peut-être ça"</p> <p>"Il est partout chez lui."</p>	<p><u>Tempos verbais :</u></p> <p>"Talvez seja isso."</p> <p><u>Léxico:</u></p> <p>"O mundo pertence-lhe."</p>	<p>Vd. p. 44</p> <p>Na tradução deste segmento procurámos contextualizar a mesma, compreender o essencial da mensagem e recorrer a conceitos próximos, de forma a obter uma tradução linguístico-semântica ou tradução directa. (Vd. Lima, 2010: 94.)</p> <p>A opção "O mundo pertence-lhe" pareceu-nos adequada por ser uma sociedade marcadamente masculina, dominada pelo homem e ainda pelo facto da personagem ser um "juiz" que joga com o destino de todos.</p>

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 17

Balayer à coups de poing à coups de pied à coups de colères tout ce qui se dresse entre elle et lui. Affronter les ténèbres. Que pourrait-elle désirer de plus ? Elle a tout ce qu'il lui faut pour être heureuse. Mais ce malaise. Mais ce regard qui se dérobe. Cette docilité excessive. Ces masques qu'elle n'ôte jamais.

Autour de lui les hommes vont et viennent, sans hâte. C'est cela. Ils sont partout chez eux. Savent-ils seulement

Couleurs du jour baigné de l'attente. Chaque jour au balcon elle en décline les nuances. Bleu ciel baigné d'attente. Indéfiniment. Et son enfant qui court vers elle, enfin réveillé. Elle le prend dans ses bras, le serre, respire son odeur si douce, s'en imprègne, vite, avant qu'il grandisse, qu'il lui échappe, qu'il devienne un homme. Il passe les mains autour de son cou il se blottit encore plus étroitement contre elle. Là, tout contre elle, fragile, vulnérable, un rien pourrait l'atteindre. Elle frissonne. Elle imagine sa voix plus tard. Sa voix d'homme. Ses mains d'homme. Mains posées sur un corps de femme. Pour des caresses. Peut-être. Lui peut-être saura « *remplir d'étoiles un corps qui tremble* ». Il murmure quelques mots à son oreille. Des mots d'amour. Elle en est sûre, même si elle ne comprend pas. Les mots murmurés ont toujours un sens, même si on ne les entend pas. Ceux qui

Proposta de tradução

Varrer a murros a pontapés a furores tudo o que se ergue entre ela e ele. Enfrentar as trevas. O que mais poderia ela desejar? Tem tudo o que precisa para ser feliz. Mas aquele mal-estar. Mas aquele olhar que se esquivava. Aquela docilidade excessiva. Aquelas máscaras que nunca tira.

À sua volta os homens vão e vêm, sem pressa. É isso. O mundo pertence-lhes. Sabem porventura

Cores do dia envoltas em espera. Dia após dia na varanda ela declina as tonalidades. Azul celeste envolto de espera. Indefinidamente. E o filho que corre na sua direção, finalmente acordado. Pega nele ao colo, aperta-o, sente o seu cheiro tão suave, impregna-se dele, depressa, antes que cresça, que lhe escape, que se torne um homem.

Ele coloca as mãos em volta do seu pescoço aconchega-se ainda mais intimamente a ela. Assim, apertadinho a ela, frágil, vulnerável, um nada poderia atingi-lo. Ela estremece. Imagina a sua voz mais tarde. A sua voz de homem. As suas mãos de homem. Mãos pousadas num corpo de mulher. Para carícias. Talvez. Talvez ele saiba « *encher de estrelas um corpo que treme* »⁹. Ele murmura algumas palavras ao seu ouvido. Palavras de amor. Está certa disso, mesmo que não perceba. As palavras murmuradas têm sempre um significado, mesmo quando não se percebem. Aqueles que

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Ils sont partout chez eux."	<p style="text-align: center;"><u>Léxico:</u></p> "O mundo pertence-lhes."	Vd. p. 51

⁹ Nota da tradutora - Referência a versos do poema *J'arrive* de Jacques Brel – “Encore une fois remplir d'étoiles / Un corps qui tremble (...)”

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 18

les profèrent le savent. Ceux qui les reçoivent le savent. Eux seulement. Là-haut, disque d'argent veiné d'ombres sur le ciel bleu, la lune a décidément oublié de se retirer. La lune en plein soleil, quelle indécence. Elle sourit. Souvenirs des cours de récréation. Odeurs des allées bordées de romarin, frémissantes de secrets de filles. Elle enroule à ses poignets les colliers de jasmin, elle se penche.

Plus bas, dans la rue, des hommes vont et viennent, sans hâte, flot incessant dont lui parvient la rumeur. Juste une rumeur lointaine.

Il est seul dans son bureau. Il sait qu'en cet instant elle porte son enfant dans ses bras et que penchée sur lui elle lui parle. Lui murmure des mots de mère. Des mots étranges qu'il ne comprend pas. Sans doute parce que jamais personne... Son fils. Il ne sait pas dire *notre* enfant, tant l'enfant est encore à elle. Il se souvient du lent mystère qui croissait en elle, de son corps habité, [absent, refermé, attentif] de cette attente inquiète, de son regard lointain, plus lointain encore. De son insatiable désir d'elle alors. De ses dérobades. Un bel enfant. Un garçon qui sera un homme. Qui lui échappera. Qui s'éloignera d'elle. Irrémédiablement. Qui la fera souffrir. Peut-être. Il se redresse. Ouvre ses dossiers. Tourne les pages. D'un trait de plume souligne, biffe, griffonne. Sur un appel, les portes

Proposta de tradução

As proferem sabem-no. Aqueles que as ouvem sabem-no. Só eles. Lá em cima, disco de prata raiado de sombras no céu azul, a lua manifestamente esqueceu-se de se retirar. A lua em pleno sol, que indecência. Ela sorri. Lembranças dos recreios. Cheiros dos caminhos ladeados de alecrim, vibrantes de segredos de raparigas. Enrola nos pulsos colares de jasmim, debruça-se.

Mais abaixo, na rua, homens vão e vêm, sem pressa, movimento incessante donde lhe chega o ruído. Apenas um ruído longínquo.

Ele está só no escritório. Sabe que naquele momento ela anda com o filho ao colo e que debruçada sobre ele lhe fala. Murmura-lhe palavras de mãe. Palavras

estranhas que não compreende. Talvez porque nunca ninguém... O filho dela. Ele não consegue dizer *nosso* filho, por este estar ainda muito ligado a ela. Lembra-se do lento mistério que crescia nela, do seu corpo habitado, [ausente, fechado, atento] dessa espera inquieta, do seu olhar longínquo, mais longínquo ainda. Do então insaciável desejo dela. Das suas recusas. Uma bela criança. Um rapaz que será um homem. Que lhe escapará. Que se afastará dela. Irremediavelmente. Que a fará sofrer. Talvez. Endireita-se. Abre as suas pastas. Vira páginas. Com um traço de caneta sublinha, risca, rabisca. A um chamamento, as portas

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>"Il ne sait pas dire <i>notre</i> enfant, tant l'enfant est encore à elle."</p>	<p><u>Léxico:</u> "Ele não consegue dizer <i>nosso</i> filho, por este estar ainda muito ligado a ela."</p>	<p>Escolhemos o pronome demonstrativo "este" para substituir "enfant" já referenciado na oração anterior. Para reforçar ainda mais a ideia de pertença marcada pelo verbo "être", acrescentou-se o advérbio de intensidade "muito".</p>

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 19

s'ouvrent, et debout devant lui, des hommes courbent la tête, se répandent en suppliques, se taisent lorsqu'il leur en intime l'ordre. Serviles, dociles, tremblants. D'un geste impatient il écarte les doléances et ils se retirent, en silence. L'audience est levée. Puissance. Pouvoir. Il peut. Il lui suffirait de vouloir. Il se promet qu'un jour

Elle se lève. Dans la cuisine, elle s'immobilise un instant. Il va bientôt rentrer. La journée s'achève. L'obscurité s'installe. L'air est plus frais sur les flancs de la colline, les genêts sont en fleurs éclaboussures sang des coquelicots inutiles blessures. Elle referme les fenêtres. L'enfant est endormi à présent. Ils ont marché tous deux longtemps dans les rues de la ville. La mère et l'enfant, sages, respectables. Le nez sur la vitre froide [dure lisse glacées] elle fixe les points de lumière vacillants bientôt estompés affaiblis par la buée. Main dans la main, ils ont marché longtemps dans les rues de la ville. Jouant à se noyer dans le flot, vagues en assauts timides d'abord, lèchent les pieds lentes caresses puis remontent, marées déferlantes et puis encore, le regard de cet homme sur elle [insistant précis brutal] c'est ça désirant violant elle s'est enfuie, a pris son enfant dans ses bras, rempart fragile, vulnérable non rien ne doit la détourner de son chemin.

Proposta de tradução

abrem-se, e de pé em frente dele, homens inclinam a cabeça, desfazem-se em súplicas, calam-se quando lhes dá ordem. Servis, dóceis, trémulos. Com um gesto impaciente rejeita as queixas e eles retiram-se, em silêncio. Está encerrada a sessão. Prepotência. Poder. Ele pode. Bastar-lhe-ia querer. Promete que um dia

Ela levanta-se. Na cozinha, pára um instante. Ele está para chegar. O dia acaba. A escuridão instala-se. O ar está mais frio nas encostas da colina, as giestas estão em flor salpicos sangue das papoilas inúteis feridas. Fecha as janelas. O filho está a dormir agora. Andaram ambos muito tempo pelas ruas da cidade. A mãe e o filho, sensatos, respeitáveis. O nariz no vidro frio [rijo liso gelado] fixa os pontos de luz vacilantes brevemente esbatidos enfraquecidos pelo vapor. De mãos dadas, caminharam muito

tempo pelas ruas da cidade. Brincando a afogar-se na maré, vagas em investidas tímidas primeiro, lambem os pés lentas carícias depois sobem, marés impetuosas e mais ainda, o olhar daquele homem [insistente preciso brutal] é isso desejoso violento ela fugiu, pegou no filho ao colo, fortaleza frágil, vulnerável não nada deve desviá-la do seu caminho.

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"L'audience est levée."	<p style="text-align: center;"><u>Léxico:</u></p> <p>"Está encerrada a sessão."</p>	Esta expressão fixa faz parte do vocabulário jurídico.
"Puissance. Pouvoir. Il peut."	<p style="text-align: center;"><u>Sonoridade:</u></p> <p>"Prepotência. Poder. Ele pode."</p>	Manutenção da aliteração, uma vez que a sonoridade é muito valorizada para a escritora.

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 20

Cette exaspération qui monte en lui. Qui chemine. Ouvre des brèches puis s'installe, s'incruste. Le ronge peu à peu. Ses gestes se font violents. Sa voix impérieuse. Il ne la regarde plus. Ainsi en a-t-il décidé. La faire plier. Éteindre le feu rampant qui la dévore. Qui la consume. Qui le consume. Qu'elle sache enfin. Que s'échappent de l'ancre obscur les démons. Que la peur s'inscrive dans son regard, dans ses gestes [domptée soumise vaincues] jour après jour. Que la nuit engloutisse ses rêves redevienne un champ clos qu'il pourra à son gré labourer.

Aveugle, égarée, elle avance dans un dédale de rues, meurtrie, les mains en sang à force de se heurter aux murs qui la cernent. Se retenir pour ne pas tomber. Elle contourne d'immenses bûchers traverse les saisons elle avance ne se retourne pas guidée par les couleurs qui barrent son horizon. Le rouge est fantasque. Il situe sous ses pieds et son incandescence traverse sa chair, blessure nécessaire pour qu'elle puisse s'orienter. Le bleu est farouche, il vibre comme un cri avant de se laisser mourir vaincu par les ténèbres. Vert sentinelle immobile au seuil des grottes ouvertes sur la terre brûlée. C'est alors qu'elle s'enfonce dans l'immensité du blanc avec pour seuls repères la transparence des flaques abandonnées par l'orage. Elle patauge elle bute tombe se relève s'accroche aux buissons de ronces

Proposta de tradução

Esta exasperação que aumenta nele. Que progride. Abre brechas depois instala-se, incrusta-se. Mortifica-o pouco a pouco. Os seus gestos tornam-se violentos. A sua voz imperiosa. Ele já não olha para ela. Assim o decidiu. Dobrá-la. Apagar o fogo excessivo que a devora. Que a consome. Que o consome. Que ela saiba finalmente. Que escapem do antro obscuro os demónios. Que o medo se instale no seu olhar, nos seus gestos [domesticada submissa vencida] dia após dia. Que a noite sorva os seus sonhos volte a ser um campo fechado que ele poderá a seu belo prazer lavar.

Cega, perdida, avança num dedalo de ruas, magoada, as mãos em sangue de tanto chocar contra as paredes que a cercam. Segurar-se para não cair. Ela contorna

imensas fogueiras atravessa as estações ela avança não olha para trás guiada pelas cores que obstruem o seu horizonte. O vermelho é caprichoso. Serpenteia debaixo dos seus pés e a sua incandescência atravessa a sua carne, ferida necessária para que possa orientar-se. O azul é selvagem, vibra como um grito antes de se deixar morrer vencido pelas trevas. Verde sentinela imóvel à entrada das grutas abertas na terra queimada. É então que ela mergulha na imensidão do branco tendo por únicas referências a transparência das poças abandonadas pela trovoadas. Ela debate-se ela tropeça cai levanta-se agarra-se às silvas

Sem problemas de tradução.

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 21

recouverts de neige elle tremble elle appelle elle n'entend que l'écho de ce long hurlement qui sort d'elle et se fracasse contre nos silences.

Penché sur elle, il la regarde. Elle semble profondément endormie. Totalement immergée. Il entend les battements désordonnés de son cour. Soudain, cette certitude il suffirait qu'il lui tende la main pour qu'elle remonte à la surface. Il le sait en cet instant. L'épaule nue luit dans la pénombre. Il lève le bras comme pour elle ouvre les yeux, surprend le geste, la main levée [hésitante tendue indécise] la main qui tremble. Suspendue au-dessus d'elle. Elle ne referme pas les yeux. Ne détourne pas la tête. Elle le regarde. Simplement.

Proposta de tradução

cobertas de neve ela treme ela chama ela só ouve o eco desse longo grito que projecta e se estilhaça contra os nossos silêncios.

Debruçado sobre ela, ele olha-a. Parece profundamente adormecida. Completamente submersa. Ele ouve os batimentos descontrolados do seu coração. Repentinamente, essa certeza bastaria que lhe estendesse a mão para que ela voltasse à superfície. Ele sabe isso nesse instante. O ombro nu reluz na penumbra. Ele levanta o braço como para ela abre os olhos, surpreende o gesto, a mão levantada [hesitante esticada indecisa] a mão que treme. Suspensa sobre ela. Ela não fecha os olhos. Não vira a cabeça. Olha para ele. Simplesmente.

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas detectados na tradução	Soluções adotadas
<p>"Elle patauge elle bute (...) elle tremble elle appelle elle n'entend que l'écho (...)"</p>	<p style="text-align: center;"><u>Sintaxe</u> :</p> <p>"Ela debate-se ela tropeça (...) ela treme ela chama ela só ouve o eco (...)"</p>	<p>Apesar de em português ser de uso comum o sujeito oculto, neste segmento a repetição do sujeito explícito acentua as acções do sujeito, daí optarmos mantê-lo.</p>

2. Reescrita do conto “Nuit et silence”

Texto original

Nuit et silence – p. 101

La nuit et le silence pèsent sur mes paupières et sur mon front douloureux. Je ne peux même pas bouger. Pourtant ce soir je n'ai pas peur, je n'ai pas faim, je n'ai pas froid. Je voudrais simplement dormir, mais je n'y arrive pas. Trop de nuit, trop de silence. Je suis couchée dans un lit. Je peux allumer la lumière si je veux. Il y a une petite lampe, à côté de moi.

Je n'arrive pas à dormir. C'est ce frémissement léger qui me tient éveillée. Je sens, depuis tout à l'heure, un frémissement dans mon ventre. Oui, un frôlement à peine perceptible, une ondulation, comme si un poisson, enfermé dans une grotte tout au fond de la mer, inaccessible, se heurtait aux parois d'une prison obscure. Voilà que ça recommence. C'est une étrange sensation. Quelque chose bouge, glisse, me frôle à l'intérieur, de l'intérieur. Quelque

Proposta de tradução

Noite e silêncio

A noite e o silêncio pesam nas minhas pálpebras e na minha fronte dolorosa. Nem sequer me posso mexer. No entanto esta noite não tenho medo, não tenho fome, não tenho frio. Queria simplesmente dormir, mas não consigo. Demasiada noite, demasiado silêncio. Estou deitada numa cama. Posso acender a luz se quiser. Há um pequeno candeeiro, ao meu lado.

Não consigo dormir. É este frémito leve que me mantém acordada. Sinto, desde há pouco, uma agitação na minha barriga. Sim, uma carícia ligeiramente perceptível, uma ondulação, como se um peixe, fechado numa gruta bem no fundo do mar, inacessível, esbarrasse contra as paredes de uma prisão obscura. Cá está isto de novo. É uma estranha sensação. Algo se mexe, desliza, toca ao de leve no interior, do interior.

Algo

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adotadas
"(...) ventre."	<u>Léxico:</u> "(...) barriga."	A opção por “barriga” e não “ventre” é de uso comum quando se refere a gravidez.

Texto original

Nuit et silence – p. 102

chose de vivant. Un glissement furtif, humide, un corps étranger en moi.

C'est la première fois que je sens cette présence. Mais je savais déjà. Dès que le sang s'est arrêté, là-bas, j'ai eu peur que ça m'arrive à moi. Au début, je croyais que c'était parce que j'avais eu trop mal, au-dedans de moi, après ce qu'on m'avait fait. Mais je sais aussi que ces choses-là arrivent lorsqu'on *rencontre un homme*. À force d'entendre ma mère, de l'entendre dire sans même s'étonner ou se plaindre, non jamais, je l'entends encore disant d'une voix lasse, sans s'adresser à personne, cette phrase dont je ne comprenais pas tout d'abord le sens: *je porte encore un fardeau*, et elle ajoutait : un de plus. C'est comme ça qu'elle disait. Combien de fois ai-je entendu ces mots, il a bien fallu que j'essaie de comprendre ce qu'elle voulait dire. Et puis j'ai vu son corps qui, régulièrement se transformait. Elle n'était pas grosse comme *khalti Aïcha*, alors ça se voyait tout de suite. Et quand on allait au hammam de la ville, elle ne pouvait plus cacher dans ses robes amples son ventre, ses seins aux bouts presque noirs, et déjà très abîmés. Elle était belle pourtant ma mère.

Mes seins sont gonflés, me font mal au moindre mouvement. J'ai cru tout d'abord que c'était à cause des coups, ou... ou de leurs mains... ou même de la fatigue, des seaux que je portais toute la journée,

Proposta de tradução

vivo. Um deslizar furtivo, húmido, um corpo estranho em mim.

É a primeira vez que sinto esta presença. Mas já sabia. Desde que o sangue parou, lá no acampamento, tive medo que me acontecesse a mim. No início, pensava que era porque tinha tido muitas dores, dentro de mim, depois daquilo me tinham feito. Mas sei que essas coisas acontecem quando se *está com um homem*. De tanto ouvir a minha mãe, de a ouvir dizer sem nunca se surpreender ou se queixar, não nunca, ainda a ouço dizer com uma voz cansada, sem se dirigir a ninguém, esta frase cujo sentido não compreendi de imediato: *carrego mais um fardo* e acrescentava: mais um. Era assim que dizia. Tantas vezes ouvi estas palavras, que tive mesmo de tentar compreender o que queria dizer. E depois vi o seu corpo que, regularmente se transformava. Ela não era

gorda como a *Khalti Aïcha*¹⁰, então isso via-se logo. E quando íamos ao “hamman”¹¹ da cidade, ela já não conseguia esconder nos vestidos amplos a sua barriga, os seios com os mamilos quase negros, e já muito estragados. Era bela, apesar de tudo, a minha mãe.

Os meus seios estão inchados, doem-me ao mínimo movimento. Pensei, no início, que era por causa das pancadas, ou... ou das mãos deles... ou até do cansaço, dos baldes que carregava todo o dia,

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Un glissement furtif (...)"	<p><u>Léxico</u> :</p> <p>"Um deslizar furtivo (...)"</p>	Alteração da classe gramatical que passa de: nome > verbo, ou seja dá-se uma derivação regressiva. O verbo deslizar : escorregar suavemente, confere mais esta ideia do que “deslizamento”.
"Là-bas, (...)"	<p><u>Adição de palavras</u>:</p> <p>"Lá no acampamento, (...)"</p>	Esta opção de adicionar “no acampamento” visa uma melhor compreensão do texto, de modo a distinguir os espaços: no acampamento, no centro de acolhimento, no aduar.

¹⁰ Nota da tradutora: Aïcha representa a vitalidade e é a mulher favorita da Maomé.

¹¹ Nota da tradutora: Hamman – banho comunitário, vulgarmente chamado banho turco. Tem na cultura árabe um significado especial por ser a única saída permitida à mulher muçulmana casada.

<p>"(...) cette phrase dont je ne comprenais pas tout d'abord le sens (...)"</p>	<p style="text-align: center;"><u>Sintaxe:</u></p> <p>"(...) esta frase cujo sentido não compreendi de imediato (...)"</p>	<p>A alteração da ordem dos elementos na frase é fruto da utilização do pronome relativo “cujo” que requer o complemento directo.</p> <p>O tempo verbal – pretérito imperfeito do Indicativo “comprenais”– foi substituído pelo pretérito perfeito “compreendi” para transmitir a ideia de um facto que não foi compreendido de imediato, mas posteriormente uma vez que era algo repetitivo.</p>
---	---	---

Texto original

Nuit et silence – p. 103

les bras rompus, mais j'ai compris que c'était ça. Et je n'ai rien dit à personne. J'avais trop peur.

Là-bas, c'est Kheïra qui s'en est aperçue la première. Un matin, pendant que j'essayais de me laver au bord de l'oued, elle a vu mes seins. Un simple regard lui a suffi. Elle a dit en passant devant moi : « Attention ! ça va être à toi maintenant. » Puis elle s'est détournée très vite, avant qu'on nous surprenne en train de parler. On n'avait pas le droit. Ils nous surveillaient tout le temps. Un peu plus tard, en repassant devant moi, elle m'a jeté un linge ensanglanté sans rien me dire. Je l'ai ramassé tout de suite. Il ne m'a pas fallu beaucoup de temps pour comprendre. Je l'ai porté entre mes jambes pendant plusieurs jours et, me croyant impure, personne ne m'a approchée. Ils ont cessé de m'interroger. C'est peut-être ce qui m'a sauvée. Ils auraient pu me faire ce qu'ils ont fait à Lila. Ils l'ont emmenée dès qu'ils se sont rendu compte qu'elle était enceinte. Ce sont leurs femmes qui les ont informés. Des mouchardes ! Toujours à nous espionner, à nous donner des ordres, à nous dénoncer, à nous obliger à obéir. Lila, un jour devant nous ils lui ont donné des coups de pied dans le ventre. Et le soir, comme elle ne pouvait pas se relever, ils l'ont traînée et l'ont emmenée. Depuis, on ne l'a pas revue.

Oui, c'est grâce à Kheïra que je suis là. Qu'est-elle devenue ? Est-elle encore là - bas ? Que Dieu me

Proposta de tradução

os braços quebrados, mas compreendi que era isto. E não disse nada a ninguém. Tinha demasiado medo.

Lá no acampamento, foi a Kheïra a primeira a aperceber-se disto. Uma manhã, enquanto tentava lavar-me junto à ribeira, viu os meus seios. Bastou-lhe um simples olhar. Disse ao passar à minha frente: «Atenção! vais ser tu agora». Depois afastou-se muito depressa, antes que nos surpreendessem a falar. Não o podíamos fazer. Vigiávamos continuamente. Um pouco mais tarde, ao voltar a passar junto de mim, atirou-me um pano ensanguentado sem dizer nada. Apanhei-o imediatamente. Não foi necessário muito tempo para compreender. Usei-o entre as pernas durante vários dias e, julgando-me impura, ninguém se aproximou de mim. Deixaram de me interrogar. Foi talvez isso que me salvou. Poderiam fazer-me aquilo que fizeram à Lila. Levaram-na quando viram

que estava grávida. Foram as mulheres deles quem os informou. Chibaram-se! Sempre a espiar-nos, a dar-nos ordens, a denunciar-nos, a obrigar-nos a obedecer. À Lila, um dia à nossa frente deram-lhe pontapés na barriga. E à noite, como ela não conseguia levantar-se, arrastaram-na e levaram-na. Desde então não a voltamos a ver.

Sim, é graças à Kheïra que estou aqui. Que é feito dela? Ainda está lá? Que Deus

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"C'est peut-être ce qui m'a sauvée."	<p><u>Tempos verbais:</u></p> <p>"Foi talvez isso que me salvou."</p>	<p>Apesar do uso do advérbio de dúvida "talvez" exigir o uso do modo conjuntivo, optámos por manter o indicativo, substituindo o presente pelo pretérito perfeito, por se tratar de um nível de língua familiar, logo usual no modo oral.</p>
"Des mouchardes!"	<p><u>Léxico:</u></p> <p>"Chibaram-se!"</p>	<p>Esta expressão faz parte do registo popular e teria por equivalente em português "bufos". Todavia, o facto de no original surgir no feminino, não é viável em português por significar algo diferenciado. Desta forma, apostou-se na expressão "chibaram-se" que mantém o valor semântico uma vez que "chibar" é sinónimo de acusar, delatar, denunciar. Conservámos assim o mesmo registo de língua, embora se operasse uma troca de classe morfológica: nome > verbo.</p>

Texto original

Nuit et silence – p. 104

pardonne, je n'ai plus pensé à elle depuis le jour où je me suis enfuie. Ils ont dû la tuer maintenant, à cause de moi peut-être. Ou alors... aucune d'entre nous ne pourrait tenir là-bas aussi longtemps. Elle a été amenée au camp quelques semaines après moi. Je me souviens de son regard, après... Tous, tous, ils l'ont prise, la même nuit. Tous, l'un après l'autre. Elle a crié un peu, au début, comme nous toutes. Et elle a fini par se taire. Comme nous. Je me souviens encore de Fadela la blonde qui disait: «Ils ont de quoi s'occuper cette nuit. On pourra dormir» Comme elle le disait ! Sans la moindre émotion. Dure et froide. Elle était comme ça depuis son arrivée, ou avant, je ne sais pas. Même avec nous. On aurait dit que rien ne pouvait l'atteindre. Ç'a été ses dernières paroles, d'ailleurs. Elle aussi a fini par leur échapper, cette même nuit. En silence. Dieu ! Leur fureur quand ils ont découvert au petit matin son corps qui se balançait à quelques centimètres à peine au-dessus du sol ! Elle avait fait plusieurs nœuds à son foulard, et ils ont eu du mal à la détacher de la branche. Ils se sont vengés sur son corps, mais ça ne pouvait plus rien lui faire, ce n'était plus qu'un cadavre. Après, ils se sont retournés contre nous. Elle leur a échappé. Je voulais, moi aussi. Les nuits suivantes, je rêvais qu'elle venait à moi, vêtue de blanc, qu'elle me tendait la main, essayait de m'entraîner. Elle me disait, d'une voix très douce :

Proposta de tradução

me perdoe, nunca mais pensei nela desde o dia em que fugi. Devem tê-la morto agora, por minha causa talvez. Ou então... nenhuma de nós podia aguentar lá tanto tempo. Ela foi trazida para o campo algumas semanas depois de mim. Lembro-me do seu olhar, depois... Todos, todos, eles possuíram-na, na mesma noite. Todos, um após outro. Ela gritou um pouco, no início, como todas nós. E acabou por se calar. Como nós. Lembro-me da Fadela¹², a loira, que dizia: «Eles têm com que se entreter esta noite! Vamos poder dormir.» Como ela o dizia! Sem a mínima emoção. Rude e fria. Era assim desde a sua chegada, ou antes, não sei. Mesmo conosco. Parecia que nada podia atingi-la. Foram as suas últimas palavras, aliás. Também ela acabou por escapar-lhes, nessa mesma noite. Em silêncio. Deus! A fúria deles quando descobriram de manhãzinha o seu corpo que balançava a apenas alguns centímetros do chão! Tinha feito vários nós no

¹² Nota da tradutora: Fadela simboliza a superioridade.

lenço, e eles tiveram dificuldade em desatá-la do ramo. Vingaram-se no seu corpo, mas isso já não a podia afectar, não era senão um cadáver. Depois, viraram-se contra nós. Ela escapou-lhes. Eu também queria. As noites seguintes, sonhava que ela vinha ter comigo, vestida de branco, que me estendia a mão, tentava puxar-me. Dizia-me, com uma voz muito meiga:

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Ils ont de quoi s'occuper cette nuit. On pourra dormir."	<p><u>Tempos verbais:</u></p> <p>" Eles têm com que se entreter esta noite. Vamos poder dormir !"</p>	Optámos por substituir o futuro pelo uso da conjugação perifrástica que assinala também a realização da acção num futuro próximo. Substituímos o sujeito indeterminado pelo nulo subentendido por considerarmos que implica mais o sujeito da acção.
"On aurait dit que rien ne pouvait l'atteindre."	"Parecia que nada podia atingi-la."	Por ser um registo familiar, as propostas com o tempo composto "ter-se-ia dito" ou até com o tempo simples "dir-se-ia" não são usuais pelo que a decisão recaiu em "parecia" uma vez que o pretérito imperfeito denota aqui um facto passado contínuo ou permanente.
"(...) son corps qui se balançait à quelques centimètres à peine au-dessus du sol !"	<p><u>Supressão de palavras:</u></p> <p>"(...) o seu corpo que balançava a apenas alguns centímetros do chão!"</p>	Tornava-se redundante o uso de "au-dessus".

Texto original

Nuit et silence – p. 105

« Suis-moi... suis-moi, je connais le chemin, tu n'auras qu'à me suivre. » Et j'essayais alors de me lever dans mon rêve, et je ne pouvais pas. J'étais lourde. Mes pieds étaient attachés à des piquets solidement plantés au sol. J'aurais voulu qu'elle me détache, mais je ne pouvais rien lui dire. J'étais privée de voix, je ne pouvais même pas lui faire un signe. Alors elle s'en allait, se retournait encore une dernière fois et disparaissait, noyée dans un nuage.

On m'a mise dans une chambre seule. C'est peut-être pour ça que je n'arrive pas à dormir. Parce que je suis seule et que tout est silencieux. Je n'ai pas l'habitude. Je n'ai jamais dormi seule dans une chambre. Chez nous, nous dormions tous ensemble, dans la même pièce. Nous n'avions que deux chambres et l'autre était occupée par mon père et ma mère et le berceau du nouveau-né. Dans la pièce commune, on disposait les matelas par terre : mes frères d'un côté, mes petites soeurs et moi de l'autre. L'hiver, on se serrait sous une grande couverture. Et nous avions chaud. Et ce soir, je suis seule. Je suis seule pour toujours. Je n'ai plus de frères. Plus de soeurs, plus rien à moi. Mon père, ma mère, mes frères, tous, ils sont tous morts. Je le sais. Je les ai entendus crier pendant qu'ils me traînaient dehors. Pourquoi ne m'ont-ils pas tuée avec eux? Pourquoi, mon Dieu ? Je n'ai plus personne. Il y a... il y a

Proposta de tradução

«Segue-me... segue-me, eu conheço o caminho, só terás que me seguir.» E tentava então levantar-me durante o sonho, e não conseguia. Estava pesada. Os meus pés estavam amarrados a estacas solidamente cravadas no chão. Gostaria que ela me desatasse, mas não conseguia dizer-lhe nada. Não tinha voz, nem sequer podia fazer-lhe um sinal. Então ela ia-se embora, virava-se ainda uma última vez e desaparecia, envolta numa nuvem.

Colocaram-me num quarto sozinha. É talvez por isso que não consigo dormir. Porque estou só e porque tudo está silencioso. Não estou habituada. Nunca dormi sozinha num quarto. Em nossa casa, dormíamos todos juntos, na mesma assoalhada. Só tínhamos dois quartos e o outro estava ocupado pelo meu pai e pela minha mãe e pelo

berço do recém-nascido. Na divisão comum, colocávamos os colchões no chão: os meus irmãos de um lado, as minhas irmãzinhas e eu de outro. No Inverno, encostávamo-nos debaixo de um grande cobertor. E tínhamos calor. E esta noite, estou só. Estou só para sempre. Já não tenho irmãos. Já não tenho irmãs, mais nada meu. O meu pai, a minha mãe, os meus irmãos, todos, estão todos mortos. Eu sei. Ouvi-os gritar enquanto me arrastavam para fora. Porque não me mataram com eles? Porquê, meu Deus? Já não tenho ninguém. Há... há

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"J'aurais voulu (...)"	<u>Tempos verbais:</u> "Gostaria (...)"	Alteração de um tempo composto - "conditionnel passé"- para um tempo simples – o condicional – por este ser de uso mais corrente.
" Je le sais."	<u>Supressão de palavras:</u> "Eu sei."	Ausência do referente "o" obrigatório na sintaxe francesa mas redundante na frase visto que os referentes (estão todos mortos) se encontram na frase anterior.

Texto original

Nuit et silence – p. 106

seulement cette chose-là dans mon ventre. Non, il ne faut plus que je pense à ça. Il faut que j'essaie de trouver le sommeil. La nuit dernière, on m'a fait avaler des cachets. Trois petits comprimés blancs. J'ai dormi. Je me suis sentie très vite glisser dans le sommeil. Je n'ai fait aucun rêve. Et il faisait jour depuis longtemps quand j'ai ouvert les yeux. Le soleil éclairait toute la chambre. Et il y avait une femme assise sur une chaise, à côté de moi. Elle me regardait. Elle a attendu un moment et m'a demandé si je voulais me lever. Il y avait aussi un plateau avec une tasse et du pain sur la table. Elle me l'a tendu. J'ai fermé les yeux. J'avais l'impression d'être dans du coton. Tout était flou, doux. À cause des cachets sans doute. Elle m'a demandé si je voulais me lever. Si je voulais parler. Je n'ai même pas pu lui répondre. Elle est restée longtemps à me regarder, sans bouger. En silence. C'est à peine si je l'entendais respirer. J'avais les yeux fermés, mais je sentais sa présence. Ce n'était pas une femme de chez nous. Elle avait les cheveux courts. La tête nue. Elle ressemblait à ces femmes qu'on voit à la télévision. Ou à celles qui vivent dans les villes. Je sais qu'il y a des femmes qui vont et viennent dans les rues des villes sans voile, sans djellaba. Avant, il y en avait qui venaient de temps en temps chez nous, au douar, comme ça. Tête nue. Nous, les enfants, on les suivait. Étonnés. Ça nous paraissait tout drôle qu'elles s'habillent

Proposta de tradução

só esta coisa na minha barriga. Não, não posso pensar mais nisso. Tenho que tentar adormecer. Ontem à noite obrigaram-me a engolir comprimidos. Três comprimidinhos brancos. Adormeci. Senti-me deslizar rapidamente no sono. Não tive nenhum sonho. E já era dia adiantado quando acordei. O sol iluminava todo o quarto. E estava uma mulher sentada numa cadeira, ao meu lado. Olhava para mim. Esperou um pouco e perguntou-me se queria levantar-me. Havia também um tabuleiro com uma chávena e pão em cima da mesa. Ela estendeu-mo. Fechei os olhos. Tinha a impressão de estar nas nuvens. Tudo era vaporoso, suave. Por causa dos comprimidos talvez. Perguntou-me se me queria levantar. Se queria falar. Nem sequer lhe pude responder. Ficou muito tempo a olhar para mim, sem se mexer. Em silêncio. Mal a ouvia respirar. Eu tinha os olhos fechados, mas sentia a sua presença. Não era uma mulher das nossas. Tinha o cabelo curto. A cabeça destapada. Era parecida com as mulheres que se vê na televisão. Ou

com as que vivem nas cidades. Sei que há mulheres que passeiam nas ruas das cidades sem véu, sem jelaba. Antes, havia algumas que vinham à nossa terra, ao aduar, assim. Cabeça destapada. Nós, as crianças, seguimo-las. Surpreendidas. Achávamos estranho que se vestissem

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Il faut que j'essaie de trouver le sommeil."	<p><u>Tempos verbais :</u></p> <p>"Tenho que tentar adormecer."</p>	<p>A construção com o conjuntivo “É preciso que tente adormecer” afigura-se pesada. Também estaria mais associada a um registo demasiado cuidado que não corresponde ao intento e estilo da autora neste conto. Nesses casos, substitui-se por uma forma expressional equivalente recorrendo ao infinitivo.</p>
"J'avais l'impression d'être dans du coton. "	<p><u>Expressão idiomática:</u></p> <p>"Tinha a impressão de estar nas nuvens."</p>	<p>Procurou-se a expressão equivalente na língua de chegada que reflectisse a mesma ideia.</p>
"Elle ressemblait à ces femmes (...)"	<p><u>Morfologia:</u></p> <p>"Era parecida com as mulheres (...)"</p>	<p>Procedeu-se à alteração da subclasse gramatical: determinante demonstrativo > determinante artigo definido dado que o referente vem a seguir – “que se vê na televisão”.</p>

Texto original

Nuit et silence – p. 107

comme les hommes, qu'elles marchent comme eux, à leurs côtés. Qu'elles s'assoient dehors, sans être gênées par les regards des hommes. Des étrangères. Mais quelques-unes rentraient à l'intérieur des maisons et parlaient avec nous. Dans la même langue. On avait du mal à croire qu'elles étaient algériennes comme nous. Chez nous, les femmes ne sortent jamais sans se couvrir la tête. Et elles ne s'assoient jamais avec les hommes. Ma mère m'a dit que dans les villes, certaines femmes sortent de chez elles tous les jours pour travailler avec des hommes dans des bureaux. Il y en a même qui conduisent des voitures. On en voit à la télévision. Pas chez nous.

Cette femme a une voix douce, très douce. Elle m'a parlé. Elle disait la même chose que les autres : « Tu es là, avec nous. Tu n'as pas à avoir peur. C'est fini. Tu peux ouvrir les yeux, personne ne te fera plus mal. » Puis elle se taisait, pendant longtemps. Elle m'appelait, de temps en temps. Elle prononça mon nom, plusieurs fois. Mais j'ai gardé les yeux fermés. J'avais envie de l'entendre encore. J'aimais bien sa voix. J'étais bien sous la couverture. Je ne voulais pas bouger. C'est quand j'ai senti sa main sur mes cheveux que j'ai crié. Je ne veux pas qu'on me touche. Plus jamais. Au bout d'un moment, elle s'est levée et m'a dit encore : « N'aie pas peur. Je ne veux pas te faire de mal. Je reviendrai te voir. » Et puis elle est sortie. Elle a refermé la porte et je

Proposta de tradução

como os homens, que andassem como eles, ao lado deles. Que se sentassem na rua, sem se sentirem incomodadas pelos olhares dos homens. Estrangeiras. Mas algumas entravam nas casas e falavam connosco. Na mesma língua. Custava a acreditar que eram argelinas como nós. Na nossa terra, as mulheres nunca saem sem cobrir a cabeça. E nunca se sentam com os homens. A minha mãe disse-me que nas cidades, algumas mulheres saem todos os dias de casa para trabalhar com os homens em escritórios. Até há algumas que conduzem automóveis. Vê-se na televisão. Não na nossa terra.

Esta mulher tem uma voz meiga, muito meiga. Falou comigo. Dizia a mesma coisa que os outros: «Estás aqui connosco. Não tens que ter medo. Acabou. Podes abrir os olhos, já ninguém te fará mal.» Depois calava-se, durante muito tempo. Chamava-

me, de vez em quando. Pronunciou o meu nome, várias vezes. Mas mantive os olhos fechados. Apetecia-me ouvi-la mais. Gostava muito da sua voz. Sentia-me bem debaixo da manta. Não queria mexer-me. Foi quando senti a sua mão no meu cabelo que gritei. Não quero que me toquem. Nunca mais. Passado algum tempo, levantou-se e disse-me novamente: «Não tenhas medo. Não te quero fazer mal. Voltarei para te ver.» E depois saiu. Fechou a porta e

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Solução adoptada
"(...) pour travailler avec des hommes dans des bureaux."	<p><u>Morfologia:</u></p> <p>"(...) para trabalhar com os homens em escritórios."</p>	<p>Procedemos à alteração da subclasse gramatical: determinante artigo indefinido > determinante artigo definido para não gerar conotações sexuais.</p>
"On en voit à la télévision."	<p><u>Supressão de palavras:</u></p> <p>"Vê-se na televisão."</p>	<p>Optámos por não colocar o equivalente do pronome "en" que seria neste caso "isso" por ser manifestamente desnecessário uma vez que a frase vem na sequência dos factos já relatados.</p>

Texto original

Nuit et silence – p. 108

l'ai entendue qui discutait avec quelqu'un dans le couloir. Je n'ai pas compris ce qu'elle disait. Un peu plus tard, d'autres personnes sont venues. Des hommes et des femmes. Ils sont restés debout autour du lit. Ils voulaient me parler, eux aussi. Mais j'ai caché mon visage et je me suis tournée vers le mur. J'avais trop honte. La chambre était pleine de monde. Ils parlaient de moi entre eux. Je n'essayais même pas de comprendre ce qu'ils disaient. D'ailleurs, beaucoup parlaient en français. Et moi, à l'école, je n'ai pas eu le temps d'apprendre le français. Mon père m'a fait quitter l'école à neuf ans pour aider ma mère. Quand ils sont tous sortis, j'ai ouvert les yeux. Une autre femme est rentrée. Elle m'a apporté un plateau. Elle l'a déposé sur la table. Elle ne m'a pas parlé, elle. Elle est repartie tout de suite. J'ai regardé. Il y avait un morceau de viande et des pommes de terre dans une assiette. C'était pour moi. J'ai mangé parce que j'avais vraiment faim. C'est tout. Et puis, c'était de nouveau la nuit. Je n'ai pas pu me lever. Même quand ils m'ont laissée seule ;

Je ne peux pas dormir. *Le sommeil s'est envolé de moi.* Il y a trop de choses qui bourdonnent dans ma tête. Si je continue à penser à tout ça, je ne pourrai plus jamais dormir. J'aurais dû leur demander de me donner encore des comprimés. Il y a trop de silence. Les murs sont épais. Je ne sais même pas où je suis. Les militaires m'ont dit: «On va t'emmener dans

Proposta de tradução

ouvi-a a conversar com alguém no corredor. Não percebi o que dizia. Pouco depois, chegaram outras pessoas. Homens e mulheres. Ficaram de pé em volta da cama. Também queria falar comigo. Mas escondi a cara e virei-me para a parede. Tinha demasiada vergonha. O quarto estava cheio de gente. Falavam de mim entre eles. Nem tentava compreender o que diziam. Aliás muitos falavam em francês. E eu, na escola, não tive tempo de aprender francês. O meu pai obrigou-me a abandonar a escola com nove anos para ajudar a minha mãe. Quando saíram todos, abri os olhos. Entrou outra mulher. Trouxe-me um tabuleiro. Colocou-o em cima da mesa. Essa não falou comigo. Sabei logo depois. Olhei. Havia um pedaço de carne e batatas num prato. Era para mim. Comi porque tinha mesmo fome. Foi por isso. E depois, novamente a noite. Não consegui levantar-me. Nem quando me deixaram sozinha;

Não consigo dormir. *Perdi o sono*. Há demasiadas coisas a zumbir na minha cabeça. Se continuar a pensar nisto tudo, nunca mais poderei dormir. Devia ter-lhes pedido para me darem mais comprimidos. Há demasiado silêncio. As paredes são grossas. Nem sequer sei onde estou. Os militares disseram-me: «Vamos levar-te

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Elle ne m'a pas parlé, elle ."	<p><u>Morfologia:</u></p> <p>"Essa não falou comigo."</p>	<p>A alteração da subclasse do pronome teve por objectivo marcar o contraste com a outra mulher, sublinhado na língua de partida pelo uso do pronome tónico "elle".</p>
"C'est tout."	<p><u>Léxico:</u></p> <p>"Só por isso."</p>	<p>Tratando-se de uma expressão do registo mais oral, procurou-se uma expressão similar em português que, no caso, é uma frase nominal.</p>
"J' aurais dû leur demander (...)"	<p><u>Tempos verbais:</u></p> <p>"Devia ter-lhes pedido (...)"</p>	<p>Alteração de um tempo composto – conditionnel passé – para um tempo simples – imperfeito por ser este de uso mais corrente.</p>

Texto original

Nuit et silence – p. 109

un centre à Alger. » C'est la première fois que je viens à Alger. Mais lorsque j'étais dans la voiture, je n'ai rien vu. J'avais la tête baissée. A cause des hommes qui étaient assis à côté de moi. Et quand la voiture s'est arrêtée, ils m'ont fait tout de suite entrer ici. Je me suis assise. Je ne savais pas quoi faire. Les militaires m'ont interrogée encore une fois. J'ai répondu à toutes leurs questions. Ils voulaient tout savoir. Moi j'ai dit ce que je savais. Puis des gens sont venus avec des appareils photo. Ils m'ont demandé mon nom, mon âge. Ils m'ont fait répéter mon âge. J'avais très mal à la tête. J'avais mal aux yeux avec les lumières qui crépitaient. J'aurais voulu être ailleurs. J'avais tellement honte. Ils disaient : « Meskina, meskina la pauvre... » C'est tout ce que j'arrivais à comprendre. Et ça me donnait envie de pleurer. De crier.

Ça fait longtemps que je ne pleure plus. J'ai hurlé, j'ai pleuré, sangloté, supplié, prié, la nuit où ils sont entrés chez nous. Surtout au moment où ils ont trouvé mon petit frère, Ali. Ma mère avait eu le temps de le cacher dans un coin de la pièce, sous une petite table. Mais il a crié. Elle, elle avait compris tout de suite. S'il n'avait pas crié, peut-être qu'ils ne l'auraient pas découvert. Quand j'ai vu l'un d'entre eux se retourner et aller à sa recherche, je me suis jetée sur lui. Je voulais l'empêcher de le battre ou de lui faire du mal. Je lui disais: « Il est

Proposta de tradução

para um centro em Argel.» É a primeira vez que venho a Argel. Mas quando estava no carro, não vi nada. Tinha baixado a cabeça. Por causa dos homens que estavam sentados ao meu lado. E quando o carro parou, encaminharam-me imediatamente para aqui. Sentei-me. Não sabia o que fazer. Os militares interrogaram-me outra vez. Respondi a todas as perguntas. Queriam saber tudo. Disse o que sabia. Depois chegaram pessoas com máquinas fotográficas. Perguntaram-me o nome e a idade. Pediram-me para repetir a minha idade. Doía-me muito a cabeça. Doíam-me os olhos por causa das luzes que crepitavam. Gostaria de estar noutra lugar. Tinha tanta vergonha. Eles diziam: «Meskina, meskina, coitada...» Foi tudo o que consegui compreender. E dava-me vontade de chorar. De gritar.

Há muito tempo que já não choro. Berrei, chorei, soluicei, supliquei, rezei, na

noite em que entraram na nossa casa. Em particular no momento em que descobriram Ali, o meu irmãozinho. A minha mãe tinha tido tempo de o esconder num canto da sala, debaixo de uma mesinha. Mas ele gritou. Ela, percebeu logo. Se não tivesse gritado, talvez não o tivessem descoberto. Quando vi um deles virar-se e ir à procura dele, atirei-me a ele. Queria impedi-lo de lhe bater ou de o magoar. Dizia-lhe: «Ele é

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas detectados na tradução	Soluções adoptadas
" J'ai répondu à toutes leurs questions."	<p><u>Supressão de palavras:</u></p> <p>"Respondi a todas as perguntas."</p>	Omissão do possessivo por ter antes o referente "os militares".
"J' aurais voulu être ailleurs."	<p><u>Tempos verbais:</u></p> <p>"Gostaria de estar noutra lugar."</p>	Vd. p.72
"Surtout au moment ou ils ont découvert mon petit frère, Ali. "	<p><u>Sintaxe:</u></p> <p>"Em particular no momento em que descobriram Ali, o meu irmãozinho."</p>	Alteração do aposto para destacar o nome evitando a confusão com o complemento circunstancial de lugar "ali".

Texto original

Nuit et silence – p. 110

tout petit, laissez-le, laissez-le, il n'a rien fait, il ne sait rien ! » Mais il m'a repoussée. Il m'a donné un coup de pied dans les côtes, Je n'ai rien senti. Je continuais de lui tenir la jambe pour l'empêcher de s'approcher de Ali. Je me traînais par terre. Et c'est un autre qui a attrapé Ali. Il ne s'est même pas débattu. Il l'a attrapé par le pied, et il le tenait comme ça, la tête en bas. Puis il est sorti. Je l'ai entendu crier. Une seule fois. Il avait deux ans. Il commençait à parler. C'est mon nom qu'il a dit en premier. *Dida*. Il ne pouvait pas le prononcer comme il faut.

Je me demande pourquoi ils tuent les enfants, les tout petits. J'ai posé un jour la question à une de leurs femmes, au camp où nous étions. Elle a ri. Elle m'a dit: « Quand il y a des cafards dans une maison, si on veut s'en débarrasser, il faut les tuer tous ! les exterminer ! Sinon ils prolifèrent à nouveau, tu ne savais pas ? » et elle a continué à rire. Je, n'ai pas très bien compris. Mais une autre fois, je les ai entendus dire que c'était pour les sauver, pour sauver les enfants encore innocents, pour les empêcher de devenir des mécréants comme leurs parents. C'est leur chef, l'émir, qui expliquait ça. Et ils écoutaient tous.

Ali me manque. La nuit, il ne pouvait s'endormir que si je le prenais et le tenais serré dans mes bras. J'avais treize ans quand il est né. J'étais déjà grande. Il posait sa tête sur ma poitrine et ne bougeait plus. J'ai l'impression qu'il y a un vide, là où il était. Là.

Proposta de tradução

pequenino, deixem-no, deixem-no, não fez nada, não sabe nada!» Mas ele empurrou-me. Deu-me um pontapé nas costas. Não senti nada. Continuava a segurar-lhe a perna para o impedir de se aproximar do Ali. Eu arrastava-me pelo chão. E foi outro quem apanhou o Ali. Ele nem sequer se debateu. Agarrou-o pelo pé, e segurava-o assim, com a cabeça para baixo. Depois saiu. Ouvi-o gritar. Uma única vez. Tinha dois anos. Começava agora a falar. O primeiro nome que disse foi o meu. *Dida*. Não conseguia pronunciar-lo correctamente.

Pergunto-me porque é que matam crianças, os pequeninos. Perguntei um dia a uma das mulheres deles, no campo onde estávamos. Ela riu-se. Disse-me: «Quando há baratas numa casa, se nos quisermos livrar delas, temos que as matar todas! exterminá-las! Senão proliferam de novo, não sabias?» e continuou a rir-se. Não percebi muito

bem. Mas uma outra vez, ouvi-os dizer que era para os salvar, para salvar as crianças ainda inocentes, para os impedir de serem infiéis como os pais. Era o chefe deles, o emir, quem explicava isso. E todos ouviam.

Faz-me falta o Ali. À noite, só conseguia adormecer se estivesse ao meu colo e o apertasse nos braços. Tinha treze anos quando ele nasceu. Já era crescida. Ele encostava a cabeça no meu peito e não se mexia mais. Tenho a impressão que há um vazio, aqui onde ele estava. Aqui.

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Il commençait à parler."	<u>Adição de palavras:</u> "Começava agora a falar."	Optámos por acrescentar o advérbio de tempo "agora" para veicular melhor a ideia de uma acção que teve início há pouco tempo e se prolonga no tempo.

Texto original

Nuit et silence – p. 111

Mon petit ! Mon petit à moi ! Il était entièrement à moi. Ma mère n'avait jamais à s'occuper de lui. Une fois j'ai même essayé de lui donner le sein. Il l'a suçoté un moment et ça m'a fait une impression bizarre. Un tremblement de tout le corps. Tout le temps que j'étais là-bas, j'ai essayé de ne pas penser à lui. Ça me faisait trop mal. Je voudrais qu'on me laisse aller sur sa tombe, s'il en a une. Si je retourne un jour au douar. J'ai vu qu'ils avaient mis le feu à plusieurs maisons, à la nôtre aussi, avant de nous emmener. Il ne doit plus rien rester.

Là-bas, au camp, je m'endormais tout de suite. Dès qu'ils en avaient fini avec moi. Il fallait attendre qu'ils veuillent bien me laisser regagner mon coin, au fond de la grotte. Ça pouvait durer longtemps. Mais j'avais quand même quelques heures de repos par nuit. Je dormais n'importe où, n'importe comment. Je n'avais qu'à fermer les yeux et je somnais très vite. Je ne dormais pas beaucoup, mais j'avais l'impression de plonger dans un gouffre, et tout disparaissait pendant quelques heures. Jusqu'à ce qu'on vienne nous réveiller, aux premières lueurs du jour. C'est que les journées étaient fatigantes. On n'avait pas le temps de réfléchir, de se souvenir. C'était peut-être mieux comme ça. On n'avait pas le droit de s'arrêter une seule minute. Entre les corvées d'eau, les lessives, les repas à préparer pour tous, il y avait beaucoup à faire.

Proposta de tradução

O meu pequenino! O meu menino! Era todo meu. A minha mãe não tinha que se preocupar com ele. Uma vez até tentei dar-lhe a mama. Ele chuchou um pouco e isso causou-me uma sensação estranha. Um estremeamento em todo o corpo. Enquanto estive lá no acampamento, tentei não pensar nele. Isso causava-me demasiada dor. Gostaria que me deixassem visitar a sua campa, se a tiver. Se um dia voltar ao aduar. Vi que incendiaram várias casas, a nossa também, antes de nos levarem. Não deve restar mais nada.

Lá, no acampamento, adormecia logo. Assim que eles me deixavam em paz. Tinha de aguardar que eles me autorizassem a voltar para o meu canto, no fundo da gruta. Os abusos podiam demorar muito tempo. Mas tinha apesar de tudo algumas horas de descanso por noite. Dormia em qualquer lugar, de qualquer maneira. Era só fechar os

olhos e caía imediatamente num sono profundo. Não dormia muito, mas tinha a impressão de mergulhar num poço sem fundo, e tudo desaparecia durante algumas horas. Até que nos viessem acordar, às primeiras luzes do dia. É que os dias eram cansativos. Não tínhamos tempo para pensar, para recordar. Talvez fosse melhor assim. Não podíamos parar um só minuto. Entre a faina penosa de carregar água, lavar roupa, fazer comida para todos, havia muito que fazer

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Dès qu'ils en avaient fini avec moi."	<p><u>Léxico:</u></p> <p>"Assim que eles me deixavam em paz."</p>	<p>Na tradução deste segmento optámos por captar o sentido do original, isto é, o acto sexual, e encontrar uma frase que o exprimisse, sem o mencionar explicitamente.</p>
"Ça pouvait durer longtemps."	<p>"Os abusos podiam demorar muito tempo."</p>	<p>Sendo o demonstrativo "ça" muito vago, mas com conotações negativas, até mesmo pejorativas, optámos por colocar um referente para exprimir esse aspecto.</p>

Texto original

Nuit et silence – p. 112

Ah ! Dieu ! Si je pouvais effacer tout ça ! Comment faire pour arrêter d'y penser ? Non, je ne veux pas oublier, c'est impossible. Seulement arrêter d'y penser. Mais comment effacer avec cette chose qui frémit dans mon ventre ? Si je pouvais faire le vide dans ma tête ! Quelques minutes seulement. Le temps que le sommeil me prenne, m'engloutisse. Peut-être qu'en priant ou en récitant la *Chahada*...¹³ mais j'ai déjà essayé. ... et c'est encore plus difficile. Dès que je prononce les premiers mots, j'ai l'impression qu'ils sont là. J'entends leurs voix. Dieu, pardonne-moi ! Je n'arrive plus à dire ces mots. C'est comme ça qu'ils entamaient tout ce qu'ils faisaient: «*Au nom de Dieu.* » Sans cesse. Avant de boire. Avant de manger. Avant de nous punir. Avant de tuer. Ils invoquaient Dieu à tout moment. En arrivant devant notre porte, ils criaient: «*Allah ou akbar !*»¹⁴ C'est pour ça qu'on a su tout de suite qui ils étaient. Et mon père leur a ouvert la porte, sans méfiance. Il croyait que son fils Djamel était avec eux. Depuis qu'il était monté au maquis, on ne savait même pas s'il était encore en vie. On ne pouvait pas penser un seul instant qu'ils l'avaient tué. Pas eux ! Plus tard, on m'a raconté ce qui était arrivé.

Mais ça sert à quoi de ressasser maintenant? Rien ne pourra plus être comme avant. Je voudrais seulement dormir... dormir.

Proposta de tradução

Ah! Deus! Se pudesse apagar tudo! O que fazer para deixar de pensar nisso? Não, não quero esquecer, é impossível. Só deixar de pensar nisso. Mas como esquecer com esta coisa que se mexe na minha barriga? Se pudesse esvaziar a minha cabeça! Só por alguns minutos. O tempo do sono me levar, me engolir. Talvez rezando ou recitando a *Shahada*... mas já tentei... e é ainda mais difícil. Assim que pronuncio as primeiras palavras tenho a impressão que estão aqui. Ouço as vozes deles. Deus, perdoa-me! Já não consigo dizer estas palavras. Era assim que começavam tudo o que faziam: «*Em nome de Deus*». Sempre. Antes de beber. Antes de comer. Antes de nos castigar. Antes de matar. Invocavam Deus a toda a hora. Quando chegaram em frente da nossa porta gritavam: «*Allah ou akbar!*»¹⁵. Foi assim que soubemos logo quem eram. E o meu pai

¹⁴ Nota da tradutora – “Shahada” – oração que um muçulmano faz todos os dias de manhã e antes de se deitar.

¹⁵ Nota da tradutora - Allah ou Akbar – Deus é o Senhor supremo.

abriu-lhes a porta, sem desconfiar. Pensava que o filho Djamel estava com eles. Desde que foi para a resistência, não sabíamos sequer se ainda estava vivo. Não podíamos imaginar nem por um só instante que o tinham morto. Não eles! Mais tarde, contaram-me o que tinha acontecido.

Mas para quê remoer isto agora? Nada poderá ser como antes. Eu só queria dormir... dormir.

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Le temps que le sommeil me prenne , m'engloutisse ."	<p><u>Tempos verbais:</u></p> <p>" O tempo do sono me levar, me engolir."</p>	Optámos por um substituto do conjuntivo, o infinitivo, que torna a sintaxe menos pesada.
"Sans cesse."	<p><u>Léxico:</u></p> <p>"Sempre."</p>	Mantivemos o sentido da repetição expresso na frase original através do uso de um advérbio, transformando a frase verbal numa frase nominal.

Texto original

Nuit et silence – p. 113

Quand elle reviendra, il faudra que je lui parle.

Je n'ai pas fauté, il faut qu'elle le sache.

Si mon père et mes frères étaient encore en vie, ils m'auraient tuée. Pour ne pas avoir à affronter le déshonneur. Et je les aurais laissés faire. Que vais-je devenir à présent ? Je ne pourrai plus jamais retourner au douar. Même mes proches ne voudront pas de moi. Qui voudra m'accueillir ? Me nourrir ? Mais que reste-t-il du douar ? J'aurais dû crier, ne pas me laisser faire. J'aurais dû les pousser à me tuer. Je voudrais mourir. Qui voudra de moi maintenant ? J'ai déshonoré la famille.

Je ne veux pas de cet être qui bouge en moi. Je ne veux pas donner le jour à un être qui pourrait leur ressembler. Je veux qu'on ôte de moi cette chose qui va grandir dans mon ventre si je ne l'arrête pas. Qu'on le supprime, ou qu'on me supprime. C'est ce qu'il y a de mieux à faire. On ne peut pas m'obliger à le mettre au monde ! On ne peut pas m'obliger à le prendre dans mes bras, à le nourrir de mon lait, à le laisser grandir pour haïr, tuer ou se faire tuer.

Quand cette femme reviendra me voir, je lui parlerai. Je pourrais peut-être lui expliquer. Elle comprendra certainement. C'est une femme qui doit avoir des enfants. Quand elle sourit, ses yeux se plissent, comme ceux de ma mère. Elle a peut-être une fille de mon âge, ou plus âgée. Et même

Proposta de tradução

Quando ela voltar, tenho que lhe falar.

Eu não me entreguei a eles, é preciso que ela saiba.

Se o meu pai e os meus irmãos ainda fossem vivos, ter-me-iam matado. Para não terem que enfrentar a desonra. E eu não os teria impedido. O que vai ser de mim agora? Nunca mais poderei voltar ao aduar. Até os meus familiares me vão rejeitar. Quem vai querer acolher-me? Alimentar-me? Mas o que resta do aduar? Deveria ter gritado, não ceder. Deveria tê-los levado a matar-me. Eu quero morrer. Quem vai querer saber de mim agora? Desonrei a família.

Não quero este ser que se mexe dentro de mim. Não quero dar à luz um ser que poderia parecer-se com eles. Quero que me tirem esta coisa que vai crescer na minha barriga se eu não a impedir. Que o matem ou que me matem. É o que há de melhor a

fazer. Não me podem obrigar a pô-lo no mundo. Não me podem obrigar a dar-lhe colo, a alimentá-lo com o meu leite, a deixá-lo crescer para odiar, matar ou ser morto.

Quando esta mulher voltar, falo com ela. Talvez lhe possa explicar. Compreenderá com certeza. É uma mulher que deve ter filhos. Quando sorri, os olhos franzem-se, como os da minha mãe. Talvez tenha uma filha da minha idade, ou mais velha. E se não

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Je voudrais mourir."	<u>Tempos verbais:</u> "Eu quero morrer."	A substituição do condicional pelo presente do indicativo justifica-se pelo facto do desejo de "morrer" se inscrever no presente.

Texto original

Nuit et silence – p. 114

si elle n'a pas d'enfant, c'est une femme. Seules les femmes peuvent comprendre ces choses-là. Elle semble si douce. Elle m'écouterà. Elle parlera elle-même au docteur. Je n'ai rien dit à ce docteur qui est venu m'examiner. C'est un homme. Il s'est contenté d'allumer une petite lampe qu'il a dirigée vers mes yeux. Il m'a aveuglée. Puis il a écouté les battements de mon cœur avec un appareil si froid que j'en ai eu des frissons. Je n'ai pas voulu enlever mes vêtements. Il m'a seulement demandé si je mangeais là-bas. C'est vrai que je suis très maigre. Mais j'ai toujours été comme ça. Il a dit «là-bas» pour parler du camp dans la forêt. Il m'a aussi demandé depuis combien de temps je me trouvais avec eux. Je n'ai pas su lui répondre. On ne comptait pas les jours. On redoutait trop la nuit. On aurait voulu que le soleil ne se couche jamais. J'ai dû passer là-bas des centaines de nuits. Ou plus. Je ne sais pas. La nuit où ils sont venus au douar pour se venger de la trahison de mon frère, il faisait très chaud. C'était l'été. Et maintenant, c'est l'hiver. Il fait très froid. Il faisait très froid là-bas. Combien de temps ? Quelle importance ? Quand on sait qu'on est en enfer, le temps n'existe plus. On attend seulement la vraie mort. La fin de tout. La délivrance.

Voilà. Maintenant ils savent. Ils savent que je porte en moi le fruit d'une faute que je n'ai pas commise.

Proposta de tradução

tiver filhos, é mulher. Só as mulheres podem compreender estas coisas. Ela parece tão meiga. Ouvir-me-á. Falará com o médico. Eu não disse nada ao médico que veio observar-me. É um homem. Contentou-se em acender uma lanterna que apontou para os meus olhos. Cegou-me. Depois ouviu os batimentos do meu coração com um aparelho tão frio que tive arrepios. Não quis tirar a roupa. Só me perguntou se lá eu comia. É verdade que sou muito magra. Mas sempre fui assim. Ele disse «lá» para falar do acampamento na floresta. Perguntou-me também há quanto tempo estava com eles. Não soube responder-lhe. Não contávamos os dias. Receávamos demasiado a noite. Desejávamos que o sol nunca se pusesse. Devo ter passado lá centenas de noites. Ou mais. Não sei. Na noite em que vieram ao aduar para se vingar da traição do meu irmão, estava muito calor. Era Verão. E agora, é Inverno. Está muito frio. Estava muito frio lá.

Quanto tempo? Que importância? Quando sabemos que se está no inferno, o tempo não existe. Só esperamos pela verdadeira morte. O fim de tudo. A libertação.

Pronto. Agora já sabem. Sabem que carrego o fruto de um erro que não cometi.

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>"On ne comptait (...) on redoutait (...) On aurait voulu (...)"</p>	<p><u>Tempos verbais e sintaxe:</u></p> <p>"Não contávamos (...) Receávamos(...) desejávamos (...)"</p>	<p>Na tradução do sujeito "On" não optámos nem pela fórmula "a gente" que confere um tom muito popular, nem pelo uso do pronome "se" que parece não implicar muito o sujeito, mas pelo sujeito subentendido que reflecte mais essa ideia. Alterámos a pessoa verbal: 3ª p. do singular > 1ª p. do plural.</p> <p>Também o "conditionnel passé" foi substituído pelo pretérito imperfeito para manter a ideia de um facto contínuo ou permanente. Por outro lado, a estrutura "teríamos desejado", pouco usual na língua familiar não corresponderia ao estilo do conto.</p>
<p>"Voilà."</p>	<p><u>Léxico:</u></p> <p>"Pronto."</p>	<p>A tradução literal do "présentatif" não se mostrou adequada, pelo que se transmitiu o sentido da mesma através de uma expressão de uso equivalente.</p>

Texto original

Nuit et silence – p. 15

Je ne voulais pas enlever mes vêtements devant la femme. Mais elle m'a accompagnée quand on m'a emmenée à la douche. Elle est restée avec moi. Elle m'a apporté des habits neufs et m'a dit que je ne pourrais pas les porter si je ne me lavais pas. J'ai eu honte. Honte de ma saleté. Honte des poux qui grouillaient dans mes cheveux. Des marques bleues que j'ai sur tout le corps. En courant dans la forêt je suis tombée sur des pierres. Je me suis griffée à des ronces. Mes jambes sont couvertes de croûtes de sang. Elle m'a donné du savon, une serviette et des mules en plastique. Je suis restée longtemps, très longtemps sous l'eau chaude de la douche. J'aurais voulu que tout s'en aille avec l'eau, sale, si sale quand elle glissait sur mon corps. Je me suis frottée à m'écorcher la peau. Mais ça n'a servi à rien. Je me sentais aussi sale à l'intérieur. Les plaies se sont rouvertes et ont recommencé à saigner. L'eau était rouge. J'ai eu du mal à enfiler les sous-vêtements qu'elle avait préparés. Pas à cause de ça. A cause de son regard. Elle a regardé mes seins. J'ai surpris son regard. Son étonnement. Elle a détourné très vite les yeux. Sans rien dire. Puis elle est allée vers la fenêtre. Elle est restée debout un long moment. Lorsqu'elle s'est retournée, elle avait les yeux pleins de larmes. Elle m'a demandé mon âge. J'ai dit quinze ans. Mais elle devait le savoir. Je l'avais déjà dit aux militaires qui m'ont interrogée. Elle voulait en être sûre, je crois.

Proposta de tradução

Não queria tirar a roupa em frente da mulher. Mas ela acompanhou-me quando me levaram para o duche. Ficou comigo. Trouxe-me roupa nova e disse-me que não podia usá-la se não me lavasse. Tive vergonha. Vergonha da minha sujidade. Vergonha dos piolhos que infestavam o meu cabelo. Das nódoas negras que tenho em todo o corpo. Ao correr na floresta caí em cima de pedras. Arranhei-me nas silvas. As minhas pernas estão cheias de crostas. Ela deu-me sabão, uma toalha e chinelos de plástico. Fiquei muito, muito tempo debaixo da água quente do duche. Queria que tudo desaparecesse com a água, suja, tão suja quando escorria pelo meu corpo. Esfreguei-me até esfolar a pele. Mas não serviu de nada. Sentia-me também suja por dentro. As feridas voltaram a abrir e começaram a sangrar. A água estava vermelha. Tive dificuldade em vestir a roupa interior que ela tinha preparado. Não por causa disto. Por

causa do seu olhar. Ela olhou para os meus seios. Surpreendi o seu olhar. A sua surpresa. Desviou rapidamente os olhos. Sem dizer nada. Depois foi para a janela. Permaneceu de pé durante algum tempo. Quando se virou, tinha os olhos repletos de lágrimas. Perguntou-me a idade. Eu disse quinze anos. Mas ela devia saber. Eu já a tinha dito aos militares que me interrogaram. Ela queria ter a certeza, penso.

Sem problemas de tradução.

Texto original

Nuit et silence – p. 116

Puis j'ai dit que je voulais des ciseaux. Elle a sursauté. J'ai montré mes cheveux.

Elle a compris que je portais un être dans mon ventre. Je l'ai vu dans ses yeux. Et avant de quitter le centre, elle l'a certainement dit aux autres, à ceux qui sont derrière la porte. Et maintenant tout le monde sait. Le médecin est revenu me voir un peu plus tard. Il avait l'air gêné. Il m'a dit qu'on allait m'emmenner dans un hôpital pour des examens. Pourquoi ne me laissent-ils pas tranquille ? Je n'ai besoin de rien.

Le soleil a disparu. Le ciel est rouge. C'est l'hiver. La nuit tombe très vite. Il fait déjà très sombre dans la chambre. De mon lit, je vois des feuillages. La fenêtre est basse. Elle donne sur un jardin, à l'arrière du bâtiment. Personne ne se promène dans les allées de ce jardin.

L'autre femme va venir. Elle va m'apporter le repas. Elle ne parle jamais. Elle ne me regarde même pas. À partir d'aujourd'hui, je ne vais plus manger. Comme ça, cette chose dans mon ventre ne pourra pas se nourrir. Et si Dieu a pitié de moi, il comprendra, m'aidera à mourir pour retrouver ma pureté.

Le mal va grandir en moi. Je le sens. Il est en train de prendre forme. Il pourrait avoir leurs yeux pleins de folie. Leurs mains si dures, si sales. Leur désir de faire souffrir d'autres êtres. Oui, il pourrait leur ressembler. Je le sens. Il bouge. Il attend son

Proposta de tradução

Depois eu disse que queria uma tesoura. Ela estremeceu. Mostrei-lhe o cabelo.

Compreendeu que carregava um ser na minha barriga. Vi isso nos seus olhos. E antes de deixar o centro, ela disse-o com certeza aos outros, aos que estão atrás da porta. E agora toda a gente sabe. O médico voltou para me ver um pouco depois. Estava pouco à vontade. Disse-me que iam levar-me a um hospital para fazer exames. Porque não me deixam em paz? Não preciso de nada.

O sol desapareceu. O céu está vermelho. É Inverno. A noite cai muito depressa. O quarto já está muito escuro. Da minha cama, vejo a folhagem. A janela é baixa. Dá para um jardim, na parte de trás do prédio. Ninguém passeia por esse jardim.

A outra mulher vai voltar. Vai trazer-me a refeição. Nunca fala. Nem sequer olha para mim. A partir de hoje, já não vou comer mais. Assim, esta coisa na minha

barriga não se poderá alimentar. E se Deus tiver piedade de mim, compreenderá, ajudar-me-á a morrer para voltar a ser pura.

O mal vai crescer dentro de mim. Sinto-o. Ele está a tomar forma. Pode ter os olhos deles repletos de loucura. As mãos deles tão ásperas, tão sujas. O desejo dele fazer sofrer outras pessoas. Sim, pode parecer-se com eles. Sinto-o. Mexe-se. Espera

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
<p>"Personne ne se promène dans les allées de ce jardin."</p>	<p><u>Supressão de palavras :</u></p> <p>"Ninguém passeia por esse jardim."</p>	<p>Supressão por não ser muito usual dizer “passear nas ruas do jardim” mas tão só “por esse jardim”.</p>
<p>"Il pourrait (...)"</p>	<p><u>Tempos verbais :</u></p> <p>"Pode (...)"</p>	<p>Optámos por usar o presente do indicativo para marcar um facto possível num futuro próximo, já que o uso anterior de construções perifrásticas “vai crescer” ou “ está a ganhar” indiciam a proximidade da acção. Tivemos em atenção o uso da língua.</p>
<p>"(...) leurs yeux (...) Leurs mains (...) Leur désir (...)"</p>	<p><u>Morfologia:</u></p> <p>"(...) os olhos deles (...) As mãos deles (...) O desejo dele (...)"</p>	<p>Manutenção reiterada do determinante possessivo para manter a ênfase.</p>

Texto original

Nuit et silence – p. 117

heure. Ils m'ont battue. Ils m'ont déshonorée. Ils ont répandu en moi leur semence maudite pour que je ne puisse ni oublier, ni revivre. Le diable s'accrochait tous les soirs à leur barbe. Marquée à jamais. Que vaut une fille déshonorée ? Qui pourra jamais comprendre ? Il faut que je déjoue leurs plans.

La nuit est maintenant tombée. Il y a encore des bruits de pas dans le couloir. Il y a peut-être d'autres filles ici. Des filles qui ont subi le même sort que moi. Je ne veux pas les voir. Je ne veux voir personne. Le silence va bientôt tout recouvrir. Je ne devrais pas avoir peur. Dieu me protège. Lui seul sait que je suis innocente. Et s'il m'entend, s'il entend ma prière, il me délivrera bientôt de cette torture. J'irai alors retrouver les miens. Ali surtout. Il n'était qu'un enfant. Je l'ai porté sur mon dos lorsqu'il ne savait pas marcher. Je l'ai nourri. Je lui ai donné tout l'amour que ne pouvait pas lui donner ma mère. Parce qu'elle n'avait pas le temps. Parce qu'elle était trop fatiguée pour le soigner. J'étais la première fille. J'ai tout fait pour la seconder. Elle disait souvent qu'elle ne savait pas ce qu'elle ferait quand viendrait pour moi le moment de quitter la maison. Elle voulait qu'à mon tour je me marie. Que j'aie des enfants. Je sais très bien m'occuper des enfants. Les changer, les laver, les bercer, leur chanter des chansons. Quel bonheur de porter un enfant dans ses bras, de le voir sourire quand on lui parle ! Ma

Proposta de tradução

pela sua hora. Bateram-me. Desonraram-me. Disseminaram em mim a sua semente maldita para que não possa nem esquecer, nem voltar a viver. Eles tinham o diabo no corpo todas as noites. Marcada para sempre. O que vale uma rapariga desonrada? Alguém poderá algum dia compreender? Tenho que lhes arruinar os planos.

A noite já caiu. Ainda há barulho de passos no corredor. Talvez haja outras raparigas aqui. Raparigas que tiveram o mesmo infortúnio que eu. Não quero vê-las. Não quero ver ninguém. O silêncio vai brevemente cobrir tudo. Não deveria ter medo. Deus protege-me. Só ele sabe que sou inocente. E se me ouvir, se ouvir a minha prece, depressa me libertará desta tortura. Irei então para junto dos meus. Do Ali em particular. Não passava de uma criança. Andei com ele às costas quando não sabia andar. Alimentei-o. Dei-lhe todo o amor que a minha mãe não lhe podia dar. Porque ela

não tinha tempo. Porque estava demasiado cansada para cuidar dele. Eu era a primeira filha. Fiz tudo para a secundar. Ela dizia frequentemente que não sabia o que faria quando chegasse o momento de eu deixar a casa. Queria que também eu me casasse. Que tivesse filhos. Sei muito bem cuidar de crianças. Mudá-las, lavá-las, embalá-las, cantar-lhes canções. Quanta felicidade dar colo a uma criança, vê-la sorrir quando lhe falamos! A minha

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"Le diable s'accrochait tous les soirs à leur barbe."	<u>Expressão idiomática:</u> "Eles tinham o diabo no corpo todas as noites."	Neste segmento procurou-se uma expressão equivalente na língua de chegada tendo em conta o contexto comunicativo. Assim, "ter o diabo no corpo", expressão convencionalizada, assume aqui o sentido de "estar assanhado; revelar intenso desejo sexual". Houaiss (vol., 7, p. 2952)

Texto original

Nuit et silence – p. 118

mère a souvent essayé de *faire tomber l'être de son ventre*. Elle prenait des potions amères que lui préparait *khalti Aïcha*. Elle portait des poids très lourds pendant des heures. Elle essayait même de sauter du haut de petit mur qui entourait le bout de jardin qu'elle cultivait. Mais rien n'y faisait. Là-bas, je portais des seaux d'eau. Par dizaines. Tous les jours. Et une nuit, pendant qu'ils étaient en opération, j'ai couru. Toute la nuit. Je suis tombée. Je me suis cognée à des rochers. J'ai rampé. Je me suis relevée. Et j'ai couru. Longtemps. Je ne pensais à rien. Je voulais aller au bout du monde. Ou mourir. Mais je suis là ce soir. Et je suis vivante. La mort n'a pas voulu de moi. Je dois expier. Mais je suis innocente. J'aurais dû, oui, j'aurais dû faire comme Fadela. Elle, au moins, est délivrée de tout aujourd'hui. Plus rien ne peut l'atteindre. Il faut que je prie. Que je implore Dieu de me délivrer à mon tour. Je dois m'en remettre à lui. Les hommes ne peuvent rien pour moi. Et surtout, je ne veux pas de leur pitié.

Elle s'appelle Aïcha. Comme ma tante. Elle est revenue tout à l'heure, au début de l'après-midi. Elle m'a apporté des ciseaux, de l'eau de Cologne et un peigne. Elle m'a parlé. Elle m'a montré la photo de ses deux filles. Des jumelles. Elles ont mon âge. Je ne m'étais pas trompée. L'une d'entre

Proposta de tradução

mãe tentou muitas vezes *perder o bebê*. Tomava poções amargas que lhe preparava *Khalti Aïcha*. Carregava coisas muito pesadas durante horas. Tentava até saltar de um murete que ladeava a pequena horta que cultivava. Mas nada resultava. Lá no acampamento, eu carregava baldes de água. Às dezenas. Todos os dias. E uma noite, enquanto estavam entretidos com as raparigas, corri. Toda a noite. Caí. Esbarrei contra rochedos. Arrastei-me. Levantei-me. E corri. Muito tempo. Não pensava em nada. Queria ir até ao fim do mundo. Ou morrer. Mas estou aqui esta noite. E estou viva. A morte não me quis. Devo expiar. Mas estou inocente. Deveria, sim, deveria ter feito como a Fadela. Ela, pelo menos, está liberta de tudo hoje. Já nada a pode atingir. Tenho

que rezar. Que implorar a Deus que me liberte também. Devo entregar-me a ele. Os homens não podem fazer nada por mim. E aliás, não quero a piedade deles.

Ela chama-se Aïcha. Como a minha tia. Voltou há pouco, no início da tarde. Trouxe-me uma tesoura, água de Colónia e um pente. Falou comigo. Mostrou-me a fotografia das duas filhas. Gémeas. Têm a minha idade. Não me tinha enganado. Uma delas,

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"(...) <i>faire tomber l'être de son ventre.</i> "	<p><u>Expressão idiomática :</u></p> <p>"(...) <i>perder o bebé.</i>"</p>	Tendo em conta a situação de comunicação, mantivemos o eufemismo usando esta expressão de uso corrente.
"Là-bas (...)"	<p><u>Adição de palavras :</u></p> <p>"Lá no acampamento (...)"</p>	Vd. p. 65
"Il faut que je prie."	<p><u>Tempos verbais :</u></p> <p>"Tenho que rezar."</p>	Por não ser muito usual o modo conjuntivo no registo familiar e ser "É necessário que reze" uma construção pesada, usámos o infinitivo.

Texto original

Nuit et silence – p. 119

elles, la brune, me ressemble même un petit peu. C'est ce qu'elle m'a dit. Toutes les deux sont très belles. Elles ont du bonheur et de l'amour tout autour d'elles. Ça se voit. Je lui ai demandé si la photo avait été prise dans leur chambre. Parce qu'elles étaient assises derrière un grand bureau et avaient des livres ouverts devant elles. Je croyais que c'était une école. Le mur derrière elles était tapissé de portraits en couleurs, immenses. Elle a ri quand je lui ai demandé si c'étaient les portraits de membres de sa famille. Je n'ai pas encore compris pourquoi elle vient ici tous les jours, ce qu'elle attend de moi. Mais je n'ose pas le lui demander. Elle ne fait que s'asseoir près de moi, me regarder, et essayer de me faire parler. Je lui ai raconté l'histoire de mon frère Djamel¹⁶, parce que je ne voulais pas parler de moi. J'ai parlé très longtemps. Elle ne m'a posé aucune question. Elle se contentait de hocher la tête et de m'écouter. De temps en temps elle se levait et allait jusqu'à la fenêtre. Je ne voyais pas son visage mais je savais que c'était parce qu'elle ne voulait pas me montrer qu'elle avait de la peine. Je lui ai tout dit. C'est au camp qu'on m'a raconté son histoire. Je lui ai dit qu'il était avec eux, au maquis, depuis plusieurs mois. Qu'il avait essayé de s'enfuir avec une fille qui avait été emmenée au camp avant moi. Qu'il voulait la sauver parce qu'il l'aimait. Je lui ai raconté comment ils avaient été dénoncés, rattrapés, torturés

Proposta de tradução

a morena, até se parece um pouco comigo. Foi o que ela me disse. Ambas são muito bonitas. Têm felicidade e amor ao seu redor. Vê-se. Perguntei-lhe se a foto tinha sido tirada no quarto delas. Porque estavam sentadas a uma grande secretária e à frente tinham livros abertos. Pensava que era uma escola. A parede atrás delas estava coberta de retratos a cores, imensos. Riu-se quando lhe perguntei se eram retratos de elementos da sua família. Ainda não percebi porque é que vem aqui todos os dias, o que espera de mim. Mas não ousou perguntar-lhe. Ela limita-se a sentar-se ao meu lado, a olhar para mim e a tentar que eu fale. Conte-lhe a história do meu irmão Djamel, porque não queria falar de mim. Falei durante muito tempo. Não me fez qualquer pergunta. Limitava-se a abanar a cabeça e a ouvir-me. De tempos a tempos levantava-se e ia até à

¹⁶ Nota da tradutora: Djamel simboliza a beleza.

janela. Não via a cara dela mas sabia que era porque não me queria mostrar que tinha pena. Disse-lhe tudo. Foi no acampamento que me contaram a história dele. Disse-lhe que ele estava com eles, na resistência, há vários meses. Que tinha tentado fugir com uma rapariga que tinha sido trazida para o acampamento antes de mim. Que queria salvá-la porque a amava. Conte-lhe como tinham sido denunciados, apanhados, torturados

Sem problemas de tradução.

Texto original

Nuit et silence – p. 120

pendant des heures avant de mourir ensemble. Elle écoutait et se prenait parfois la tête entre les mains, comme si elle avait mal. Ensuite je me suis tue. C'était suffisant je crois.

Elle était encore avec moi quand le docteur est venu me dire qu'on allait me garder au centre jusqu'à la naissance de l'enfant. Quel enfant ? Et après ? C'est tout ce que j'ai dit. C'est sorti de moi comme un cri. Il a haussé les sourcils en faisant signe qu'il ne savait pas. C'était sa réponse. C'est alors que je l'ai regardé droit dans les yeux et que je lui ai dit que je préférais mourir plutôt que d'attendre jusque-là. Il a détourné la tête, comme s'il ne pouvait pas soutenir mon regard, ou qu'il ne voulait pas m'écouter. Sans plus rien ajouter, il a rangé ses dossiers et s'en est allé. Il avait fait son travail.

Quand nous avons été de nouveau seules, elle s'est assise sur le lit, tout près de moi. Elle m'a pris la main. Je ne l'ai pas retirée. Elle m'a posé des questions sur ma vie au douar, avant. Sur ce que j'aimais. Je n'ai pas pu prononcer le nom d'Ali. Je lui ai raconté l'histoire de mon arbre, celui que ma grand-mère avait planté le jour de ma naissance. C'est un figuier qui a grandi en même temps que moi. Cela faisait seulement trois étés qu'il donnait des fruits. Et depuis, je guettais impatientement à l'aisselle de chaque feuille l'apparition des premières figes. Je les cueillais moi-même. Quelques fois,

Proposta de tradução

durante horas antes de morrerem juntos. Ela ouvia e por vezes colocava a cabeça entre as mãos, como se sentisse dores. Depois calei-me. Creio que já chegava.

Ela ainda estava comigo quando o médico me veio dizer que eu ia permanecer no centro até ao nascimento da criança. Que criança? E depois? Foi só o que eu disse. As palavras soltaram-se como um grito. Ele ergueu as sobrancelhas fazendo sinal que não sabia. Era a sua resposta. Foi então que olhei para ele nos olhos e lhe disse que antes preferia morrer do que esperar até lá. Virou a cabeça como se não conseguisse encarar o meu olhar, ou não quisesse ouvir-me. Sem acrescentar mais nada, arrumou as pastas e foi-se embora. Tinha feito o seu trabalho.

Quando ficámos novamente sós, ela sentou-se na cama, junto a mim. Pegou-me na mão. Não a retirei. Fez-me perguntas sobre a minha vida no aduar, antes. Sobre o que

eu gostava. Não consegui pronunciar o nome do Ali. Contei-lhe a história da minha árvore, a que a minha avó tinha plantado quando nasci. É uma figueira que cresceu ao mesmo tempo que eu. Só dava frutos há três verões. E então, eu vigiava impientemente na axila de cada folha o aparecimento dos primeiros figos. Eu mesma os colhia. Algumas vezes,

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas detectados na tradução	Soluções adoptadas
"C'est sorti de moi comme un cri."	<p><u>Léxico</u> :</p> <p>"As palavras soltaram-se como um grito."</p>	Em vez do demonstrativo "isso" optámos por explicitar o referente para facilitar a leitura.
"Cela faisait seulement trois étés qu'il donnait des fruits."	<p><u>Sintaxe</u>:</p> <p>"Só dava frutos há três verões."</p>	Alteração para a ordem normal do português: S + V + Complemento conseguindo assim uma sintaxe menos marcada, isto é, mais neutra do que com a opção "Só há três verões é que dava frutos".

Texto original

Nuit et silence – p. 121

j'en remplissais des petites corbeilles d'osier que je tapissais de belles feuilles vertes et, avec mes petits frères, j'allais les vendre aux automobilistes qui passaient sur la grand-route. L'argent que j'en obtenais, je le donnais à ma mère. Elle le cachait pour moi. Pour plus tard. En parlant, il me revenait le goût et la fraîcheur de la chair rouge gorgée de sucre, le crissement des grains dans la bouche et, pendant uniques instants, j'ai oublié où j'étais. J'ai eu l'impression de retrouver la lumière des après-midi d'été que je passais à rêver ou à dormir sous mon arbre, près de la maison. Il doit toujours être debout, là-bas. Il a dû donner de belles figes cette année. J'espère seulement qu'on ne les a pas laissés pourrir.

Elle m'écoutait en souriant, comme si elle aussi avait le goût des figes dans la bouche. Puis elle m'a dit qu'elle devait partir. Qu'elle reviendrait, et qu'il fallait que je pense à toutes ces choses-là, à tout ce qui continuait. Seulement à ça.

Elle est sortie. Elle a fait quelques pas dans le couloir puis elle est revenue. Elle avait oublié de me donner le foulard qui était dans son sac. Un grand foulard blanc bordé de petites perles nacrées, comme des gouttes d'eau.

Vers la fin du jour, je me suis levée. J'ai ouvert la fenêtre. Quand l'autre femme est venue avec son plateau, je lui ai demandé si je pouvais aller faire quelques pas dans le jardin. Elle m'a montré du

Proposta de tradução

enchia cestinhas de vime que cobria com bonitas folhas verdes e, com os meus irmãos mais novos, ia vendê-los aos automobilistas que passavam na estrada principal. O dinheiro que conseguia, dava-o à minha mãe. Ela escondia-o para mim. Para mais tarde. Enquanto falava, lembrava-me do gosto e da frescura da polpa vermelha encharcada de açúcar, do estalar dos grãos na boca e, durante alguns instantes, esqueci onde estava. Tive a impressão de reconhecer a luz das tardes de Verão que passava a sonhar ou a dormir debaixo da minha árvore, perto de casa. Ainda deve estar de pé, lá na aldeia. Deve ter dado belos figos este ano. Só espero que não os tenham deixado apodrecer.

Ela ouvia-me sorrindo, como se ela também sentisse o gosto dos figos na boca. Depois disse-me que tinha que se ir embora. Que voltava, e que eu devia pensar em todas essas coisas, em tudo aquilo que continuava. Só nisso.

Saiu. Deu alguns passos no corredor e voltou. Tinha-se esquecido de me dar o lenço que tinha no saco. Um grande lenço branco bordado com pequenas pérolas nacaradas, como gotas de água.

Perto do final do dia, levantei-me. Abri a janela. Quando a outra mulher veio com o tabuleiro, perguntei-lhe se podia passear no jardim. Ela apontou com

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"L'argent que j' en obtenais, (...)"	<p><u>Supressão de palavras:</u></p> <p>"O dinheiro que conseguia, (...)"</p>	<p>Optámos por eliminar o pronome "en" na tradução por não causar qualquer bloqueio a nível da leitura e interpretação uma vez que os referentes estão na frase anterior: "(...) ia vendê-los"</p>

Texto original

Sous le jasmin la nuit – p. 122

doigt le fond, très sombre, et m'a dit que la porte qu'on apercevait de la fenêtre donnait sur un ravin. Elle m'a dit que personne n'allait de ce côté-là. C'était trop dangereux. Surtout la nuit. Je n'ai pas compris tout de suite pourquoi elle me disait ça. Je voulais juste me promener. Je ne voulais pas m'enfuir. Mais elle a ensuite ajouté que dans ce ravin vivait autrefois une femme sauvage dont personne ne connaissait l'histoire. Que certains racontaient qu'on l'entendait hurler la nuit, tout au fond du ravin, et qu'elle apparaissait vêtue de blanc lorsqu'on annonçait la mort d'une femme.

Depuis, personne n'est entré dans la chambre.
Sur le jardin, la nuit est tombée maintenant. Tout est encore silencieux.

Alger, janvier 2000

Proposta de tradução

o dedo o fundo, muito escuro, e disse-me que a porta que se distinguia da janela dava para uma ravina. Disse-me que ninguém ia para esse lado. Era demasiado perigoso. Sobretudo à noite. Não percebi logo porque é que me dizia isso. Só queria passear. Não queria fugir. Mas depois acrescentou que na ravina vivia outrora uma mulher selvagem cuja história ninguém conhecia. Que alguns contavam que se ouviam os seus gritos à noite, bem no fundo da ravina, e que ela aparecia vestida de branco quando se anunciava a morte de uma mulher.

Desde então, ninguém entrou no quarto. No jardim, a noite já caiu. Tudo está ainda silencioso.

Argel, Janeiro de 2000

Problemas detectados e sua resolução

Texto original	Problemas na tradução	Soluções adoptadas
"(...) qu'on l'entendait hurler la nuit, (...)"	<u>Morfologia:</u> "(...) que se ouviam os seus gritos à noite, (...)"	Procedeu-se à alteração de um verbo em nome e acrescentámos o possessivo no lugar do pronome "l" que substitui "femme sauvage", transmitindo, assim, o significado da frase da língua de partida.

Conclusão

Neste trabalho confrontámo-nos com problemas diversificados, uma vez que um texto se insere num determinado contexto linguístico e existe numa determinada situação sociocultural onde objectos, símbolos e conceitos abstractos funcionam de forma diversa de uma sociedade para outra. Assim, procurámos também soluções diferenciadas, interrogando-nos sobre as escolhas tradutórias efectuadas, de modo a tecer um texto coeso e coerente na cultura de chegada, sem uma interacção excessiva com o original. O processo passou num primeiro capítulo, por uma problematização da tradução, salientando algumas perspectivas subjacentes ao acto tradutório, e à importância do contexto na tradução. Expomos também alguns pressupostos presentes no acto de tradução literária. No segundo capítulo *Para uma leitura de “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence”*, apresentámos alguns elementos do contexto histórico e sociocultural assim como uma breve biobibliografia da autora Maïssa Bey. Também neste capítulo procedemos a uma leitura atenta da obra *Sous le jasmin la nuit* que resultou num breve resumo do conjunto dos contos que a compõem, e em particular dos contos em apreço. Acreditamos que todo este processo contribuiu para uma tradução/reescrita, dando lugar ao texto de chegada que apresentamos num terceiro capítulo, acompanhado de uma análise das principais dificuldades encontradas na sua elaboração.

Dada a similitude das línguas nos aspectos morfológico, sintáctico e muitas vezes semântico, a correspondência linguística foi frequentemente possível, sendo a tradução efectuada intuitivamente e, outras vezes, a estratégia foi escolhida de forma muito ponderada avaliando os factores linguísticos, culturais e pragmáticos. Tal aconteceu em alguns segmentos predominantemente metafóricos, onde o recurso a

dicionários nem sempre foi satisfatório. Optámos por efectuar uma tradução directa, captando o essencial do segmento e encontrando equivalentes linguístico-semânticos como fizemos com o seguinte excerto: “(...) cueillir la rosée source au chant cristallin bondir sur des rochers (...)” (“Sous le jasmin la nuit”: 13) que resultou na seguinte proposta: “(...) apanhar o orvalho na nascente de canto cristalino saltar de rochedo em rochedo (...)” (“Sob o jasmim à noite”: 42). Aqui, a criação de sentido na língua de chegada resultou do modo singular como interpretamos o segmento, como interagimos, enquanto leitores, com texto de partida, manipulando-o para o converter noutra versão, mas preservando a sua essência.

Noutras circunstâncias, utilizámos omissões de que é exemplo “(...), jusqu’à feindre l’abandon du sommeil.” (“ Sous le jasmin la nuit”: 11) que traduzimos por “(...), até simular o sono.” (“Sob o jasmim à noite”: 38); adições como na frase: “Ce frémissement (...)” (“ Sous le jasmin la nuit”: 9), cuja proposta recaiu em “Este leve tremor (...)” (“Sob o jasmim à noite”: 34); alteração de modos e tempos verbais em conformidade com a situação de uso ou com a clareza frásica. Neste aspecto, a situação mais recorrente deu-se com o uso do tempo composto, em particular do "conditionnel passe" como na frase: “J’aurais voulu être ailleurs” (“Nuit et silence”: 109) que traduzimos por “Gostaria de estar noutro lugar” (“Noite e silêncio”: 79) por ser pouco usual em português.

Neste percurso tradutivo mantivemos a estrutura formal da narrativa original, sem alterar a ordem dos acontecimentos, do espaço e do tempo. Sempre que possível conservámos os registos de língua predominantes. Em “Noite e silêncio” registo corrente/familiar caracterizado em termos linguísticos pela correcção morfossintáctica, mas onde abunda um vocabulário simples ligado à oralidade, muito presente na cultura árabe, o uso de expressões familiares e populares em consonância com o nível social e

grau de instrução da personagem e ainda vocabulário árabe. A título de exemplo temos a palavra “Des mouchardes !” (“Nuit et silence”: 103) que traduzimos por “Chibaram-se!” (“Noite e silêncio”: 68). Guardámos ainda as frases curtas que prevalecem neste conto. Em “Sous le jasmin la nuit” vigora o registo cuidado onde predomina a expressividade, a linguagem conotativa e plurissignificativa, a riqueza de vocabulário de tipo erudito que mantivemos sempre que possível, estando conscientes da presença constante da função estética da linguagem. Preservámos, quase na totalidade, as irregularidades a nível sintáctico, como frases inacabadas, visíveis na alternância do discurso masculino e feminino. Também é recorrente a ausência de pontuação em situações onde seria exigível na norma francesa e que guardámos, quase na totalidade, para manter o ritmo do texto, por terem subjacentes algum grau de intencionalidade ou serem uma simples opção de estilo. A pontuação irregular ou a sua ausência, a par da subjectividade sempre presente na interpretação de alguns segmentos foram os aspectos que causaram mais constrangimentos neste processo de tradução.

O problema da distanciação temporal que causa muitos problemas ao tradutor não se colocou por ser Maïssa Bey uma autora contemporânea. Na tradução de fenómenos culturais, optámos pela conservação dos nomes próprios do texto de partida uma vez que são nomes árabes que carregam em si a identidade cultural do povo e a escolha por parte da escritora não terá sido aleatória. Também mantivemos o restante léxico que surge em árabe no texto de partida, por ser também uma opção da escritora e por reflectir realidades sociais, políticas e religiosas. Em alguns casos, a escritora opta por traduzi-los seguidamente, como podemos verificar nas seguintes expressões:

"**Khalti** Aïcha" ("Nuit et silence" : 102) / "Elle s'appelle Aïcha. Comme ma **tante**."
("Nuit et silence" : 118) / «**Meskina**, meskina, **la pauvre** ...» ("Nuit et silence": 109).
Surgem, no entanto, excepções para «**Allah ou akbar!**» (“Nuit et silence”: 112) e para

"*Chahada*" ("Nuit et silence": 112) apesar de, para esta última palavra a autora nos dar a indicação de que se trata de uma prece "(...) en priant ou en récitant (...) " ("Nuit et silence": 112). Mantivemos a referência cultural de origem e fizemos uso de uma técnica de compensação, a nota de rodapé, dando um acréscimo de informação ao leitor. Para a palavra "**hammam**" adoptámos o mesmo procedimento, apesar da opção "banho turco" ser familiar para o leitor português. A manutenção da estranheza resulta do facto da palavra ter subjacente um traço culturalmente marcante por ser a única saída permitida à mulher muçulmana casada.

As citações foram objecto de uma reflexão atenta, levando-nos a investigar o intertexto de modo a compreender a origem das mesmas. Em "Sob o jasmin à noite" as citações provêm de versos de diferentes autores cujos poemas foram musicados e surgem em *itálico*. São disso exemplo: "*Ô mon jardin d'eau fraîche et d'ombre*" ("Sous le jasmin la nuit" : 13) / "*sous le jasmin la nuit*" ("Sous le jasmin la nuit" : 13) / «*un frison d'eau sur de la mousse*» ("Sous le jasmin la nuit » : 14) / «*remplir d'étoiles un corps qui tremble* » ("Sous le jasmin la nuit" : 17). No conto "Noite e silêncio" ora surgem como reminiscências do passado familiar, da mãe em particular, e aparecem também em *itálico*, ora como lembranças do tempo vivido por Dida, no acampamento onde foi violada e no centro de acolhimento onde se encontra no momento em que é narrada a história, e surgem entre aspas. Optámos por conservar estes sinais gráficos. Exemplificamos algumas situações: "... *je porte encore un fardeau.*" ("Nuit et silence" : 102) "*faire tomber l'être de son ventre*" ("Nuit et silence" : 118). «Ils ont de quoi s'occuper cette nuit. On pourra dormir.» ("Nuit et silence" : 104). / «N'aie pas peur. Je ne veux pas te faire de mal. Je reviendrai te voir.» ("Nuit et silence" : 107).

Na tradução dos títulos dos contos mantivemos a maiúscula unicamente no início da primeira palavra seguindo a norma francesa, que também já é usual em

português e preservámos a semântica dos títulos originais. O título “Sous le jasmin la nuit” levantou a questão do uso da preposição *à* ou do artigo definido *a* de acordo com a interpretação que se atribuísse ao título. Assim, teríamos “Sob o jasmim *à* noite” ou “Sob o jasmim *a* noite”. Estando o título associado a uma canção tradicional, recorreremos à letra da mesma para melhor avaliar o significado: “La nuit, sous le jasmin, la brise et les fleurs m’entourent, les branches se penchent sur moi et m’essuient les larmes”. A noite é o tempo propício aos encontros amorosos debaixo do jasmim, planta característica do Norte de África cuja flor exala um cheiro intenso, envolvente e afrodisíaco durante a noite, aguçando de maneira sublime a sensualidade. “La nuit” desempenha na frase a função de complemento circunstancial de tempo, tendo-se tornado clara a opção pelo título “Sob o jasmim *à* noite”. Decidimos também fornecer uma indicação ao leitor em nota de rodapé, de que se trata de uma cantiga popular, para dar destaque à cultura de partida.

No que respeita ao uso do sujeito, optámos amiúde pelo sujeito nulo subentendido, visto ser de uso frequente no português oral e escrito mas obrigatório em francês. Outras vezes, o mesmo foi conservado para evitar ambiguidade na frase como é verificável na frase: “Elle **fredonne**” (“Sous le jasmin la nuit” : 12) que traduzimos por “Ela canta **baixinho**” (“Sob o jasmim *à* noite”: 41) pois o texto é construído com uma dupla perspectiva, feminina e masculina, e a explicitação do sujeito clarifica aqui a compreensão.

Quanto ao uso do determinante possessivo, essencial na língua francesa, foi mantido quando visava reiterar a ideia de pertença ou para não causar imprecisão na frase.

Neste percurso tradutivo, retivemos da teoria dos polissistemas a informação de que qualquer enunciado é passível de inúmeras interpretações dado que os valores

variam de contexto para contexto e de indivíduo para indivíduo. Veja-se o seguinte exemplo retirado do conto “Noite et silêncio”: “Na nossa aldeia as mulheres nunca saem sem cobrir a cabeça. Elas nunca se sentam com os homens” (“Noite e silêncio”: 75). À luz da cultura ocidental este excerto constitui um atentado à liberdade individual e aos direitos da mulher. O mesmo não se passará para um leitor muçulmano. Convirá ao tradutor não manipular excessivamente o texto de modo a não desvirtuar a informação veiculada pelo autor. Da teoria dos polissistemas também é notória a interferência de outros sistemas nos contos estudados: reflexão política – movimentos islâmicos radicais no conto “Nuit et silence” e interferência cultural/literária francesa – influência de poetas franceses através de citações de versos de alguns poemas no conto “Sous le jasmin la nuit”.

Acreditamos que esta proposta de tradução, ao activar várias teorias e procedimentos colhidos da vertente teórica da tradução, é uma reescrita de um texto que não desvirtua o original, mas que se afigura compatível com a cultura de chegada, favorecendo assim o diálogo intercultural.

No termo desta investigação permanece a consciência do seu aspecto fragmentado, logo não pode ser considerada definitiva. Contudo, com *Da leitura/interpretação ao processo de tradução/reescrita interlingue em “Sous le jasmin la nuit” e “Nuit et silence”* de Maïssa Bey esperamos proporcionar alguns contributos para a problemática da tradução literária.

Bibliografia activa

- Bey, M. (2008). “Sous le jasmin la nuit”. In M. Bey. *Sous le jasmin la nuit*. Paris : l’Aube.

- Bey, M. (2008). “Nuit et silence”. In M. Bey. *Sous le jasmin la nuit*. Paris: l’Aube.

Bibliografia passiva

- Ascha, G. (1999). *Du Statut Inférieur de la Femme en Islam*. Paris : L’Harmattan.

- Arjonilla, E., Fernández, L., López, A. e Pugés, I. (Coord.). (2009). *El papel del contexto en traducción e interpretación*. Granada: Editorial Atrio, S.L.

- Barrento, J. (2002). *O poço de Babel – Para uma poética da tradução literária*. Lisboa: Relógio d’Água Editores.

- Bassnett, S. (2003). *Estudos de Tradução – Fundamentos de uma disciplina* (Vivina de Campos Figueiredo, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Bey, M. (2008). “En ce dernier matin”. In Maïssa Bey. *Sous le jasmin la nuit*. Paris: l’aube. (23-32).

- Bey, M. (2008). “En tout bien tout honneur”. In Maïssa Bey. *Sous le jasmin la nuit*. Paris: l’aube. (33-46).

- Bey, M. (2008). “Improvisation”. In Maïssa Bey. *Sous le jasmin la nuit*. Paris: l’aube. (47-59).

- Bey, M. (2008). “Nonpourquoiparceque”. In Maïssa Bey. *Sous le jasmin la nuit*. Paris: l’aube. (91-97).

- Bey, M. (2008). “C’est quoi un arabe?”. In Maïssa Bey. *Sous le jasmin la nuit*. Paris: l’aube. (141-155).

- Bourdieu, P. (1985). *Sociologie de l’Algérie*. Paris : Presses Universitaires de France.

- Cordonnier, J. L. (2002). “Aspects culturels de la traduction : quelques notions clés”. *Meta*, 47 (1), 38-50.

- Cunha, C. e Cintra, L. (1991). *Nova gramática do Português contemporâneo* (8a ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.

- *Dicionário de Português-Francês*. Porto: Porto Editora, Lda.

- *Dicionário do tradutor / Francês- Português*. (2003). Faro: Noémio Ramos.

- *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. (2007). (vol.17). Lisboa: Círculo de leitores.
- Duarte, J. (2001). “A tradução enquanto metáfora e modelo”. In IV Congresso internacional da associação portuguesa de literatura comparada (Org.). Évora.
- Durán, J. (2009). “La dimensión cultural de los signos léxicos: un problema central de la traductología.” In E. Arjonilla, L. Fernández, A. López e I. Pugés (Coord.). *El papel del contexto en traducción e interpretación*. 57-69.
- Eco, U. (2005). *Dizer quase a mesma coisa sobre a tradução* (José Colaço Barreiros, Trad.). Lisboa: Difel.
- “Entretien avec Maïssa Bey”(2009).<http://www.theatrecontemporain.tv/video/Entretien-avec-Maïssa-Bey>>Acedido em 14 Janeiro de 2010.
- Fanon, F. (2002). *Les damnés de la terre*. Paris : Éditions La Découverte & Syros.
- Fanon, F. (1952). *Peau noire masques blancs*. Paris : Éditions du Seuil.
- Flor, J. (1988). “Traduzir – Algumas linhas para reflexão.” *Revista ICALP* vol. 11, 16-23.<<http://cvc.instituocamoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/traduzir.pdf>>. Acedido em 24 de Junho de 2011.
- *Grande dicionário Português/ Francês -Francês/Português*. Lisboa: Editora de Livros, Lda.
- Hermans, T, (1985). *The manipulation of literature – Studies in literary translation*. London: Croom Helm.
- “Interview de Maïssa Bey”. (2004). *Horizons*, 1-6.
www.bonjourdesougueur.unblog.fr. Colocado a 27 de Janeiro de 2009. Acedido em 10 de Janeiro de 2010.
- Jorge, G. (2001). “Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural”. *Polifonia* nº4, 215-222.
- Jorge, G. (1997). “Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas.” *Polifonia* 1, 33-43.
- Jorge, G. (Coord.). (1997). *Tradutor dilacerado – reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*. Lisboa: Edições Colibri.
- Jorge, N. e Almendra, M. (sd). « A Argélia e a hierarquia internacional ».<http://www.ciari.org/investigacao/argelia_e_hierarquia_internacional.htm> Consultado em 13 de Fevereiro de 2010.
- Kaouah, A. (2004). “La parole conquise”. *Revue des littératures du sud* nº155-156, 76.

<http://www.institutfrancais.com/librairie/derniers/pdf/155-156.pdf>

- Kohan, N. e Herrera, R. (2004). “Entrevista a Henri Alleg”.
<<http://rebellion.org/noticia.php?id=7785>
- *Le nouveau petit Robert de la langue française*. (2008). Paris : Le Robert.
- Ladmiral, J.R. (1972). *A tradução e os seus problemas*. Lisboa: Edições 70.
- Lefevere, A. (1992). *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London: Oxford University Press.
- Lima, C. (2010). *Manual de teoria da tradução*. Lisboa: Edições Colibri.
- Marsaut, O. (2006). « Quand les algériens cartonnent ».
<<http://www.jeunefrique.com/Article/LIN23046quandtnenno0>> Acedido em 16 de Maio de 2010.
- Memmi, A.(1985). *Portrait du colonisé procédé de Portrait du colonisateur*. France : Gallimard.
- Mokaddem, K. (2009). “Les écritures féminines de la guerre d’Algérie : l’exemple de Maïssa Bey”. *Synergies Algérie* n° 5, 217-225.
Disponível em: HYPERLINK
<<http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Algerie5/mokaddem.pdf>>
- Mounin, G. (1963). *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris : Gallimard.
- Nida, E. « La función del contexto en la traducción » In E. Arjonilla, L. Fernández, A. López e I. Pugés (Coord.). *El papel del contexto en traducción e interpretación*. (17-24)
- Nora, P. (1961). *Les français d’Algérie*. Paris : Julliard.
- *Nova Enciclopédia Larousse*. (1997). (vol. 22). Lisboa : Círculo de Leitores.
- *Novo Dicionário Compacto de Língua Portuguesa*. (1988). Lisboa : Editorial Confluência, Lda.
- Perrin, S. (2003). « Sous la houle bouleversante de Maïssa Bey ».
<<http://www.africultures.com/php/index.php ?nav=artcle&no=2815>
- *Petit Larousse illustré 1991*. (1990). Paris : Librairie Larousse.
- Rodrigues, D. (2001). “O poder da tradução ou a tradução do poder.” In IV Congresso internacional da associação portuguesa de literatura comparada (Org.). Lisboa.
- Saramago, J. (1998). *Cadernos de Lanzarote Diário V*. Lisboa :Editorial Caminho.

- Sarmiento, C. (2001). “Questões culturais no ensino de tradução de textos literários.” In J. Duarte (Org.). *A tradução nas encruzilhadas da cultura* (153-170). Lisboa: Colibri.
- Steiner, G. (2002). *Depois de Babel – Aspectos da linguagem e tradução* (Miguel - Serras Pereira, Trad.). Lisboa: Relógio d` Água Editores.
- Stora, B. (1991). *Histoire de l'Algérie coloniale (1830-1954)*. Paris : Éditions La Découverte.
- Stora, B. (2006). *Histoire de la guerre d'Algérie (1954-1962)*. Paris : Éditions La Découverte.
- Stora, B. (2001). *Histoire de la guerre d'Algérie (1962-1988)*. Paris : Éditions La Découverte.
- Tavares, A. (2009). Reflexões sobre o perfil do tradutor. *Babilónia* 6/7, 145-155.
- Wecksteen, C. (2008). La traduction des connotations culturelles: entre préservation de l'étranger et acclimatation. *Plume* 4, 112-138.
- Wuilmart, F. (2006). La traduction littéraire : source d'enrichissement de la langue d'accueil. *RiLunE*, nº4, 141-150.
Disponível em : HYPERLINK
<http://www.rilune.org/mono4/12_Wuilmart.pdf> Acedido em 24 de Junho de 2011.